



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TALITA ALMEIDA RODRIGUES

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO? REFLEXÕES SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR NA VISÃO DOS PEDAGOGOS**

Fortaleza - Ceará

2014

TALITA ALMEIDA RODRIGUES

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO? REFLEXÕES SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR NA VISÃO DOS PEDAGOGOS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Pedagogia da FAGED, da Universidade Federal do
Ceará/UFC como requisito parcial necessário para a
obtenção do diploma de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete de Souza Porto.

Fortaleza- Ceará

2014

TALITA ALMEIDA RODRIGUES

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO? REFLEXÕES SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR NA VISÃO DOS PEDAGOGOS**

Esta monografia foi submetida à apreciação da Comissão Examinadora como parte dos requisitos necessários à conclusão do curso de Graduação em Pedagogia, certificado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da mencionada instituição.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita em conformidade com as normas da ética científica.

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Bernadete de Souza Porto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Carmensita Matos Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Alexandre Santiago Costa
Aluno do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre me guiou no caminho de Sua vontade, nem sempre o mais fácil, porém, certamente o mais correto, e que vem me proporcionando conforto e proteção durante toda minha vida.

Aos meus pais, modelos de superação, força e honestidade, meus grandes professores, que, ao me apoiarem, fornecem-me combustível para seguir adiante. Ensinaram-me com amor, carinho e dedicação.

À toda a minha família, alguns mais distantes, outros mais próximos, mas todos muito queridos.

Agradeço aos mestres, belos educadores, que foram inspiração para este trabalho e, mais que isso, serão inspiração para toda a minha caminhada docente. Dos sonhos que carrego, da crença que tenho em relação à educação, eles são os grandes responsáveis por isso. Em especial, devo fazer menção a uma mulher que ensinou muito mais sobre a vida do que sobre a profissão docente: Bernadete Porto. Ela é a orientadora que a vida escolheu para mim. E como Deus nunca erra em suas escolhas, em seus desígnios, serei eternamente grata por Ele tê-la colocado em meu caminho.

Aos meus amigos, que demonstraram profunda compreensão nos meus momentos de isolamento para a elaboração deste trabalho. Sou grata pelas risadas que me proporcionam e pela companhia que me fazem mesmo quando não nos vemos.

Enfim, a todos que contribuíram para esse importante passo e para a realização desse sonho tão esperado.

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho monográfico discorre sobre o bom professor, nomeado por alguns como educador ou mestre. Não nos detemos em nomenclaturas ou denominações, mas falamos de quem ele é e de algumas de suas características. Para entendê-lo melhor, inicialmente trouxemos a discussão de Educação e Pedagogia. Pois, estes dois assuntos estão estritamente ligados a profissão docente. Ao tratarmos sobre Educação, abordamos em aspectos informais e formais, detendo o aspecto formal a educação escolar. Em seguida, falamos sobre Pedagogia, apontando possíveis definições. Falamos, ainda, da sua trajetória até os dias atuais, finalizando nossa análise com as tendências pedagógicas sugeridas por LUCKESI (1994). Foi então que, tratando sobre o profissional que exerce a atividade da pedagogia, que chegamos ao nosso ponto central. Ao falarmos sobre o educador, expomos seus desafios enquanto tal. Neste capítulo, falamos sobre o professor/educador que desejamos ter. Sobre os desejos que carregamos em relação a sua prática, seu modo de ser e de se mostrar enquanto docente que está comprometido com a educação que pensamos como válida. ALVES (1982), BRANDÃO (1982), LIBÂNEO (1999), GHIRALDELLI (1991), TARDIF (2002), ENGUITA (1989) e SAVIANI (1995) foram alguns dos autores que nos influenciaram na reflexão que fizemos acerca do professor/educador. Para dar seguimento e na busca de trazer novos elementos para o trabalho em questão, decidimos que aplicaríamos questionários com pedagogos em formação ou já graduados. Com isso, dedicamos um capítulo para a análise e discussão das respostas obtidas com a aplicação dos mesmos. Tal análise, nos permitiu entender um pouco mais sobre os dilemas, as incertezas, e os desafios que cercam os pedagogos. Assim, com todos esses elementos e discussões que acima citamos, foi possível concluir que o bom professor não é um profissional formado em nossas universidades, por mais que possuam inúmeros cursos e especializações. Ou seja, embora imprescindível, a formação inicial não é suficiente. O bom professor se faz na prática, em sala de aula, quando é sensível às necessidades de seus alunos, quando se mostra parte do processo educativo e quando compreende que o verdadeiro ensino ultrapassa conteúdos e lições. Ele ensina para e sobre a vida.

Palavras-chave: Pedagogia. Educador. Bom professor.

ABSTRACT

This monograph work discourse about a good teacher, named also as educator or master. We do not detain on nomenclatures or denominations, but rather referred the person a teacher is and his features. To better understand, initially we introduced to the discussion the Education and Pedagogy; once these two issues are strictly connected to the Professor occupation. When dealing with Education, we addressed in informal and formal aspects referring the formal aspect to primary and high school education. Then we discussed about pedagogy, pointing possible definitions. We still spoke about its history to the present day, ending our analysis with teaching trends suggested by LUCKESI (1994). Thus, treating about the person who pursues the activity of pedagogy, we reached our central issue. By writing about the educator, we exposed his challenges as such. In this chapter, we talked about the teacher / educator we wish to have. About the desires that we carry for your practice, your way of being and to show off as a teacher who is committed to the education we think as valid. ALVES (1982), BRANDÃO (1982), LIBÂNEO (1999), GHIRALDELLI (1991), TARDIF (2002), ENGUITA (1989) and SAVIANI (1995) were some of the authors who influenced us on the reflection we made about the teacher / educator. In order to follow up and seeking to bring new elements to the work in question, we decided we would undertake questionnaires with teachers in training or already graduated. By doing so, we devoted a chapter to the analysis and discussion of the responses obtained with the application. This analysis allowed us to understand a little more about the dilemmas, uncertainties, and challenges surrounding educators. So with all these elements and discussions aforementioned, it was concluded that the good teacher is not a professional trained in our universities, with numerous courses and specializations. That is, although essential, initial training is not enough. The good teacher is created with practice, in the classroom, when it is sensitive to the needs of their students, when it is part of the educational process and when understands that the true teaching goes beyond content and lessons. He teaches and about life.

Key words: Pedagogy, Educator, Good Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O QUE É EDUCAÇÃO?	13
2 O QUE É PEDAGOGIA?	24
3 PROFESSOR OU EDUCADOR?	34
4 BUSCANDO ALGO MAIS: APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	42
4.1 Caracterizando a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e a Instituição particular de ensino que contribuíram para a aplicação dos questionários	44
4.2 Quem conta o conto?	45
CONCLUSÕES	53
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como tema central o bom professor visto pelos pedagogos. Por muitos, pode vir a ser uma reflexão de si mesmo, ou uma observação do outro, que é o que é mais confortável. Pode se configurar também como um momento que possibilita recordar e trazer à memória doces ou más recordações.

Ter que justificar o porquê da escolha do tema desta monografia não deveria ser tarefa difícil, uma vez que, durante a vida sempre nos justificamos e buscamos justificativas para tudo. Por repetidas vezes, em nosso cotidiano, dizemos que deve haver um porquê para tais coisas estarem acontecendo ou já terem acontecido. No entanto, não é bem assim que acontece nas situações mais “técnicas”.

Por também não ser algo informal, justificar o motivo pelo qual escolhi falar sobre "o bom professor", parece-me uma tarefa mais árdua ainda. Se me perguntassem o motivo em uma conversa informal, certamente eu responderia com sorrisos. Mas ter que elaborar um motivo e fazer dele algo convincente é desafiador. Pois bem, mas já que tenho que assim fazer, comecemos pelo início das coisas!

Nunca sonhei em ser Pedagoga. Não me lembro do dia em que desejei ingressar em uma Universidade para formar-me professora. Ao final dos estudos escolares, ingressei em uma faculdade para cursar Fisioterapia. Aguentei um semestre. Percebi que deveria parar. Não havia identificação com o curso. Nos últimos dias do semestre, já estava completamente desmotivada, e, como dizem por aí, assistia às aulas para “cumprir tabela”.

Em 2009.2 matriculei-me em um curso preparatório para voltar a estudar para o vestibular. Ainda não tínhamos oficializado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para o ingresso nas Universidades. Comecei, novamente, uma rotina de estudos pela qual já havia caminhado. Durante o cursinho preparatório, quando questionada sobre para qual curso tentaria vaga, respondia que talvez me inscrevesse para Jornalismo. Acreditava que essa seria uma boa escolha por possuir gosto pela leitura e por ser conhecida como uma “autêntica tagarela”.

Na escola onde fazia o cursinho preparatório, no período de inscrição para o vestibular, pessoas da coordenação realizavam, conosco, nossa inscrição. Foi então, que, no

ato da minha inscrição, optei por Pedagogia. Não sei o porquê, mas foi assim que tudo começou.

Ingressei na Universidade Federal do Ceará no período correspondente a 2010.2. Dei início, assim, a uma longa jornada de aprendizagem e transformação. Nos primeiros semestres, sentia-me desconfortável. Não parecia estar em uma Universidade. Minha mente estudantil havia idealizado outra forma de ser o dia a dia universitário. Os primeiros professores com os quais tive contato não me marcaram positivamente. Isso contribuiu para um sentimento aversivo em relação ao curso. Tentei, por duas vezes, mudar, fazer migração para o curso de Psicologia, mas as tentativas foram frustradas. Entendi que precisava ficar ali. Devia concluir o curso. Era necessário. Pelo menos, era o que eu entendia estar me sendo dito através dos “nãos” que havia levado.

Continuei, e para a minha surpresa, deparei-me com bons momentos. Doces inspirações. Deparei-me com professores que são mais que isso, são educadores. Abertos e dedicados, comprometidos com a aprendizagem e o desenvolvimento, encantaram-me. Atentos e solícitos. Ofereceram uma escuta jamais vivida. São assim, pode-se assim dizer, professores que inspiram e nos fazem perceber a educação além dos conteúdos. Fazem-nos percebê-la como sendo vida e merecendo ser vivida diariamente. Esses educadores mostraram-me os desafios e os prazeres. Foi em sala de aula, porém, que, de fato, os descobri. Senti-os. Experimentei-os.

Pela felicidade proporcionada pelo encontro, decidi então, que este deveria ser o tema utilizado para dar vida aos sentimentos que residem em mim. Mais do que uma monografia, este trabalho, nada fácil de ser construído, é revelador da minha identidade.

Além disso, percebo a sua validade e significância para todos aqueles que percorrem o caminho da educação, que estão comprometidos com ela. É em sala de aula, principal ponto de encontro da educação formal, que há todo o desenrolar de uma caminhada que perdura enquanto o educador vive. Ora, o educador não é educador apenas em sala de aula, ele assim o faz aonde quer que esteja, aonde quer que um educando o encontre.

Por isso, torno a afirmar e discorrer sobre a validade de falar sobre o bom professor e sua prática, que ao meu entender, baseada nos textos inspiradores de Rubem Alves (1982, 2004), sou levada a acreditar que é assim que se deve chamar a quem se dedica ao ensino e à educação integral. Integral não pelo fato de passar todo o dia com o educando, tampouco pelo

fato de ter assumido o papel da família na educação de seus educandos, mas por entender que não se pode dimensionar o ser humano. Logo, é integral por se ter seu modo de vida, seu falar e seu agir, como espelho.

Assim, acredito que levantar discussões acerca desse tema poderá contribuir para uma reflexão sobre a prática dos colegas pedagogos e pedagogas que fizerem a leitura desta monografia, pois ao levar à reflexão, pode-se, então, ser iniciado um novo movimento na “maquinaria” do saber que há na mente de cada pedagogo que, talvez, não acredite, nem consiga mais perceber, a beleza que há no ato de ensinar. É nisto que consiste a grandeza da nossa profissão: ensinar matemática, ciências, geografia, português ou história é um pretexto para que ensinemos sobre respeito, cidadania, cooperação, verdade. Podemos ensinar sobre desenvolver-se e tornar-se humano. É isso que aprendemos com Freire (1982), ao falar-nos sobre educação emancipadora e Gusdorf (1963). Este último autor nos diz o seguinte:

A pedagogia do mestre desenvolve-se, assim, numa espécie de contraponto da pedagogia do professor. O professor ensina a todos a mesma coisa; o mestre anuncia a cada um uma verdade particular e, se foi digno da sua missão, espera de cada um uma verdade particular, uma resposta singular e uma plena realização. A mais alta função da mestria parece, pois, ser o anúncio da revelação para lá da exposição do saber. O professor exerce a sua profissão, o mestre intervém como agente duplo, utilizando para outros fins essa atividade de cobertura. (p. 92)

Desejo, deste modo, que nossos bons professores, educadores, mestres, ou como queiram chamá-los, sejam acordados de seu sono profundo, pois: “O bom professor pertence a uma ordem superior. Ama a sua profissão, na qual encontra, não apenas um ganha-pão, mas uma razão de ser.” (GUSDORF, 1963, p. 68)

Neste sentido, é que indagamos neste trabalho: Quais as características de um bom professor? Como podemos percebê-lo? Objetivando responder a estas perguntas e a alguns outros questionamentos, é que escolhemos pontuar como sendo objetivo geral deste trabalho monográfico: Analisar as características constituintes de uma prática docente de qualidade, refletindo sobre sua importância para a aprendizagem, a partir da visão dos pedagogos.

Como objetivos específicos temos: I) Descrever a educação, conceituando-a e refletindo sobre as principais instancias educativas; II) Refletir sobre a Pedagogia, analisando-a como a ciência que estuda os fins e os meios educacionais; e III) Discutir a docência, atribuindo qualificação para o trabalho educativo, distinguindo do simples exercício

profissional e analisando a visão de graduando e graduados no curso de Pedagogia, sobre o que é um bom professor.

Para tanto, no capítulo 1 discutiremos a Educação, seu conceito histórico e suas principais formas. Falaremos da sua significância e como comumente é percebida e validada. Já no segundo capítulo, abordaremos sobre Pedagogia, se se trata apenas sobre métodos de ensino ou se é bem mais que isso. É neste capítulo que citaremos grandes nomes, como o de Comenius, Herbart, Rousseau e outros mais. São contribuintes expressivos para as pedagogias que temos hoje.

No capítulo 3 daremos início, mais precisamente, às reflexões acerca do professor. Faremos menção a educadores e professores. Também iremos expor nossos desejos e esperanças em relação a este profissional.

Por fim, no capítulo 4, falaremos da metodologia escolhida para que soubéssemos o que pensam os pedagogos e os estudantes de pedagogia sobre a profissão docente. Quais os desafios que enfrentam ou pensam que irão enfrentar. É, então, por esse caminho acima descrito, que por nós foi trilhado, que chegamos às conclusões deste trabalho monográfico.

1. O QUE É EDUCAÇÃO?

Este capítulo tem como objetivo tratar sobre Educação. Iniciaremos nossos estudos sobre este tema, explicando o que significa, suas raízes, suas “faces”. Começemos, então, pelo seu significado enquanto substantivo. De acordo com o dicionário Aurélio (1995), em uma edição especial para o jornal Folha de São Paulo, educação significa:

1.Ato ou efeito de educar(-se). **2.** Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. **3.** Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo. **4.** O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução, ensino. **5.** Nível ou tipo de ensino. **6.** Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. **7.** Conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia. (...) (p. 234)

Utilizando como parâmetro essa definição, podemos notar que algumas virtudes ou boas maneiras como polidez, delicadeza e cortesia, aparecem citadas como uma das descrições referentes à educação. Será que a disposição das definições já não pode informar-nos algo? Vejamos.

Frequentemente, quando pensamos sobre educação, ou até quando questionamos alguém sobre o que ela pensa ser educação, facilmente percebemos que o pensamento é remetido à escola. Parece já estar enraizado que é na escola onde tudo o que tem relação com a educação acontece. Será isso mesmo?

Para Brandão (1981), falar sobre educação é pensar em um processo bem mais abrangente do que o processo escolar. Para ele, “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (p. 9)

Como instituição social ou instância educacional, podemos concordar com este autor, uma vez que nem sempre a escola existiu. Além disso, não se pode desconsiderar os processos de troca que acontecem no seio das famílias, grupos e das relações sociais, os quais se dão a cada momento, a todo instante, em qualquer lugar.

Em seu livro “O que é educação?”, Brandão (1981), antes de falar-nos sobre o berço da civilização e de como se dá a educação no Brasil, ajuda-nos a compreender que a educação

é algo livre, que está entre os sujeitos. Por isso, se dá em todos os lugares, nas relações e interações que somos capazes de constituir. Não exige técnica, tampouco formalidade. Não é a transmissão, apenas, de conteúdos escolares, mas é o compartilhar de saberes, crenças, ideias, projetos, suposições.

Assim, ensina-se sobre a vida de uma comunidade, de uma aldeia, de uma sociedade, de um grupo, como queiram chamar. Para Dewey (1979, *apud* LIBÂNEO, 1999),

A educação não é a preparação para a vida, é própria vida (...). A educação é uma constante reconstrução ou reorganização da nossa experiência, que opera uma transformação direta da qualidade de experiência, isto é, esclarece e aumenta o sentido da experiência e, ao mesmo tempo, nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes. (p. 83)

Brandão (1981), também nos traz interessantes contribuições. Como ilustração, utiliza o exemplo de uma aldeia. A história que ele nos conta se passou há bastante tempo, mas é altamente significativa. Nos leva a compreender que, verdadeiramente, a educação possui dois lados bem distintos, talvez bem mais. Este autor, conta-nos um episódio que aconteceu nos Estados Unidos, mais precisamente no Estado da Virgínia. Após a assinatura do tratado de paz com os Índios das Seis Nações, alguns governantes do estado lhes enviaram cartas para que alguns integrantes da tribo fossem para a escola dos brancos para que pudessem ser educados com eles. O chefe da tribo indígena, ao estar ciente do convite, recusou-o. Ele disse aos governantes, através de uma carta, de modo muito sutil, que a educação que era dada aos brancos não servia para eles. Que tal educação os tornava inúteis. E por que isso acontecia? Ora, o que era por demais útil aos brancos, não servia em nada para os índios de sua tribo.

O que era útil para eles era saber guerrear, aconselhar, entender a natureza e fazer parte dela. Para eles era muito mais necessário saber viver na floresta, matar um inimigo, caçar um veado, a ter que conhecer aritmética, filosofias, gráficos, ou até mesmo latim.

Partindo disso, podemos nos perguntar o que se espera da educação. Uma transformação do sujeito ou a reprodução de saberes? Por que, por vezes, nos parece complicado compreendê-la? É possível responder pelo que já dissemos inicialmente: só a vemos como possibilidade enquanto ocorre dentro dos muros da escola. Ela não é percebida quando um pai ensina ao filho a atravessar a rua, quando lhe ensina e repassa seus princípios de vida, quando lhe fala sobre como lidar com dores, perdas, alegrias. Não haveria beleza no gesto nobre de um pai que é oleiro e ao amanhecer inicia seus trabalhos, faz um belo vaso e põe para secar. Nesse meio tempo, seu filho chega, olha para o vaso, e como se nada lhe

importasse, quebra-o. Na manhã seguinte, o pai oleiro torna a fazer outro vaso. O filho, torna a quebrá-lo. As cenas tornam a se repetir. Mas antes que se tornem rotina, o filho aprende a admirar a beleza do vaso, mais que isso, aprende a admirar a beleza do gesto do pai, que pacientemente, ensina-lhe com o silêncio. Brandão (1982) argumenta muito bem o que quero dizer ao expor o seguinte:

Em qualquer lugar do mundo, quando surge dentro de algum grupo humano – isso vale para a educação de nossos índios e vale para a nossa – sempre a educação nasce livre, e os seus supervisores são a comunidade de todos os seus praticantes, de um lado e do outro: educadores-educandos e educandos-educadores. Ela aparece dentro de casa, nos atos de amor e autoridade amorosa que há nos ensinamentos de um pai a um filho. Educação existe ao mesmo tempo difusa e precisa dentro da comunidade, entre mais velhos e mais moços; entre os sábios da sociedade e os que querem saber. (p. 76)

Há isso em nossos dias? É possível entender que não, pois o foco de nossa educação tem sido tão somente a escolarização. Quando se fala “Fulano é um jovem muito educado!”, ouve-se logo “É, ele estudou nas melhores escolas da cidade.”. Aqui a educação se mostra como algo que é capaz de separar, colocar em lados opostos. O seu papel não é o inverso? Não deveria acolher, somar, trazer para perto?

Afinal, o que é educação? Brandão (1981) nos mostra dois lados bastante expressivos. Ao falar sobre os processos educacionais informais, ele diz que a educação:

(...) aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender. Intenções, por exemplo, de aos poucos “modelar” a criança para conduzi-la a ser o modelo social de adolescente e, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem e, depois, um adulto. Todos os povos sempre traduzem de alguma maneira esta lenta transformação que a aquisição do saber deve operar. Ajudar a crescer, orientar a maturação, transformar em, tornar capaz, trabalhar sobre, domar, polir, criar, como um sujeito social, a *obra*, de que o homem natural é a matéria prima.” (p. 24)

Adiante, este mesmo autor nos apresenta o que pensa acerca do processo formal da educação. O que nos ocorre de imediato é pensar em ensino e aprendizagem. Pensa-se no compartilhamento de informações, conteúdos e, por parte do que aprende, pensa-se que acontece a apreensão do que é exposto, compartilhado. Para ele:

O *ensino formal* é o momento em que a educação se sujeita a *pedagogia* (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor (...). (BRANDÃO, 1981, p. 26)

Libâneo (1999), por sua vez, ao falar sobre o processo formal educacional, define educação como sendo:

(...) o conjunto de ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. (p. 22)

Seriam esses conceitos atuais? Apenas de nossos dias? Perceberemos facilmente que não. Na Grécia, por exemplo, o que eles chamam de educação, tendo em mente a plenitude dessa palavra, é o processo que deve acontecer exterior ao seio da família. Deve se dar fora do lar, depois dos sete anos de idade. Para as crianças de famílias nobres, a educação estava direcionada “para a vida e o poder que determina a vida social” (BRANDÃO, 1981, p. 42). Para aqueles que eram escravos, a educação possuía estreita relação com a instrução para o trabalho. Enquanto esse tempo não chegava, a criança nobre convivía com sua família, com os seus, sua gente. Já a criança escrava, por sua vez, começava a ser educada bem antes dos sete anos. Percebe-se aqui que a separação entre nobres, livres e escravos começou há bastante tempo. Hoje não mais se usa essa denominação para “classificar” os grupos, mas as ações se perpetuam de igual modo. Para atender a essas diferenciações, certamente deveriam haver diferentes educadores. Havia os destinados à educação de crianças livres, que eram os escravos pedagogos ou educadores nobres, e os responsáveis pela educação dos que estavam a margem eram os mestres-escolas e artesãos-professores.

Em relação a como se dava o processo educacional, suas etapas, o foco do seu desenvolvimento, pode-se afirmar que os gregos assim agiam por entender a educação “como um longo processo pelo qual, a cultura da cidade é incorporada à pessoa do cidadão.” (BRANDÃO, 1981, p. 46). Davam alto valor à apreensão de valores da comunidade, dos mais velhos. Assim, ficar no seio da família até os sete anos era um modo de proporcionar que isso acontecesse. Eles acreditavam que fazendo assim estavam proporcionando a formação da consciência moral de crianças que viriam a ser cidadãos que deveriam estar dispostas a serem devotas da comunidade, ao serviço.

Para eles, os processos educacionais não estavam fadados a escola, pois defendiam a educação humanista, olhando para o homem em sua integralidade. Eles acreditavam que:

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes.

É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando.” (BRANDÃO, 1981, p. 47)

E nós, brasileiros, como pensamos a educação? O que é educação para nós? Ainda tomando os escritos de Brandão (1981) para dar impulso e base para nossas reflexões, podemos afirmar que aqui no Brasil, por muito tempo, a educação “caminhava” no mesmo sentido da educação grega. Pois,

(...) as crianças filhas de pais “das boas famílias” iam às escolas, mesmo que por poucos anos. As escolas eram particulares, “abertas” por professores avulsos ou pelas ordens religiosas. Eram pagas, algumas custavam caro e as poucas crianças pobres que aprendiam “de graça” aprendiam nos orfanatos ou nos anexos dos colégios religiosos. Os escravos e os filhos dos deserdados da fortuna – lavradores livres, artistas pobres, artesãos – aprendiam “no ofício”. Rara vez um deles alisava com o traseiro magro o banco de madeira de alguma escola, razão por que o país tinha, até há poucos anos, um dos maiores índices de analfabetismo em todo o mundo. Havia, portanto, duas educações em curso. Uma era a *da escola*, destinada aos filhos das “gentes do bem”. Ali, fora o ensino de primeiras letras, havia sempre cursos não profissionalizantes, que ensinavam Latim, Grego, Literatura e Música para os que chegavam até pouco depois dos estudos primários. (...) Outra era a *da oficina*, misturada com a da vida, destinada pelos ossos do ofício aos filhos “da pobreza”. (BRANDÃO, 1981, p. 87)

Vale ressaltar que Saviani (1995), considera que no Brasil, no século passado, a educação era vista como sendo uma forma de “transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados.” (p. 18). Teria essa concepção mudado ou apenas recebido nova “roupagem”?

Sabe-se que hoje essa dicotomia não é tão explícita assim e, para a maioria do nosso povo, pensar em educação é estabelecer relação direta com mudança de vida. Para os pobres, é válido dizer, em especial, já que para os ricos é apenas uma continuidade do que já se tem. Para aqueles, pode ser vista como a oportunidade de dar um grande salto. É pensar em crescimento, desenvolvimento, melhoria de vida. Essas impressões podem ser facilmente sentidas em conversas informais, em testemunhos de quem já “venceu na vida” por causa da educação.

Gimeno Sacristán (2001) e Fernández Enguita (1989), ao observarem a educação por um olhar mais crítico, concordam ao defenderem que a educação é percebida como um meio para se alcançar melhoria de vida, ascensão social. Do mesmo modo, Canário (2006) fala de

três promessas feitas pela educação. São promessas de desenvolvimento, mobilidade social e igualdade.

Tomemos como exemplo os pais, que, na maioria dos casos, são os que mais “depositam fé” nesse processo. Independente da classe social da qual fazem parte, acreditam fielmente que seus filhos podem chegar a lugares por eles nunca alcançados através da Educação.

Gimeno Sacristán (2001), ao tratar sobre Educação, diz que:

(...) alguns querem educar seus filhos e a eles mesmos para melhorar suas condições materiais de vida; outros consideram a educação como valor para uma vida mais digna; outros, como meio para evitar a humilhação por eles sofrida pelo fato de serem analfabetos e manipuláveis; outros entendem ser uma oportunidade para “relacionar-se” com pessoas de uma categoria social superior à sua; alguns podem apreciá-la como instrumento para manutenção de seus privilégios; outros veem nela a oportunidade para desfrutar do conhecimento, do saber (...). (p. 22)

Mais do que melhoria das condições de vida, Sacristán (2001) faz referência a tantos outros fatores que são percebidos e entendidos como sendo possíveis de serem alcançados através da Educação.

Enguita (1989) também entendeu a educação de forma crítica ao afirmar que esta:

(...) fundamentalmente, permite aos grupos ocupacionais reforçar sua posição controlando as possibilidades de acesso aos mesmos, as quais são restringidas através da elevação das exigências em termos educacionais; e, sobretudo, permite aos indivíduos lutar pessoalmente para mudar de grupo, para aceder a outro em uma posição mais desejável. (p. 192)

Através das relações entre os sujeitos, em reportagens, documentários ou até mesmo se alguns de nós recordarmos de nossa trajetória escolar, podemos constatar a veracidade de tais argumentos. Quando se tirava uma nota baixa, logo os pais apareciam com um discurso pronto, isto porque, as notas eram e, na grande maioria dos casos, continuam a ser, a forma mais utilizada para a “medição da inteligência” dos alunos. Perguntavam-nos onde queríamos chegar, quem queríamos ser, o que queríamos alcançar. Ou não era?

Mas se a há, de fato, na Educação esse “poder” de tornar possível que se melhorem as condições de vida, por exemplo, quem não a possui, está fadado a péssimas condições de vida, a estagnação? Sacristán (2001), versa sobre isso ao expor que:

(...) aqueles que têm educação em maior medida e de mais alta qualidade têm condições das quais não dispõem os que carecem dela. A educação transforma-se em fonte de novas desigualdades no que diz respeito às oportunidades das pessoas, das famílias, entre países, entre gêneros, raças e grupos sociais. A educação escolarizada é uma espécie de qualidade acrescentada que, uma vez adquirida, condiciona todo o futuro. Tem um valor que provoca reações em cadeia em aspectos diferentes da realidade e entre gerações distintas (...). (p. 36)

Não seria, pois, injusto o que se faz com a educação? A forma como se tem usado, para legitimar uns e outros não? Os que não a possuem ou não obtêm “êxito” através dela são culpabilizados pelo seu fracasso. Ninguém mais tem a ver com isso. Afinal, se você não conseguiu ir mais além com seus estudos, certamente não houve interesse, vontade, tampouco dedicação. É nesse rumo mesmo que deve “caminhar” a educação? É por essa ótica que deve ser vista? É legítimo compreender a educação possível, apenas, através da escola e quando assim se faz, dotá-la de força contra a ignorância? Não seria isso o ato de ignorância mais explícito?

Saviani (1995) discorre sobre essa temática e expõe para seus leitores que existem dois grupos que percebem a educação de modo perfeitamente diverso. Segundo este autor, para o primeiro grupo, a educação deve ser utilizada para corrigir os erros, as distorções da sociedade, para pôr fim à marginalidade. Ele diz que para esse grupo, a educação “constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. Sua função coincide, pois, no limite, com a superação do fenômeno da marginalidade.” (p. 16)

Para o segundo grupo, de acordo com Saviani (1995), a educação é compreendida como sendo responsável pela reprodução da marginalidade, pois percebem a marginalidade “como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade.” (p. 16) Para esse grupo, a educação está para reforçar o poder da classe dominante e “perpetuar” a marginalização da classe dominada. Assim, “(...) a educação, longe de ser um instrumento de superação da marginalidade, se converte num fator de marginalização já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural e, especificamente escolar.” (SAVIANI, 1995, p. 17). Diante disso, tornamos a perguntar se, de fato, é este o papel da educação ou, se assim é que deve ser entendida. Ora, qual seria a forma mais coerente de compreendê-la?

Freire (1983) defende que a “A educação só é possível para o homem porque este é um ser inacabado e sabe-se inacabado.” Não seria este, pois, o sentido da Educação? Dar-nos a possibilidade de nos tornarmos humanos e para os mais idealistas, esta não possibilitaria a emancipação humana? Ora, mas em uma sociedade na qual a quantidade dos bens que se tem é que é o fator determinante de quem somos, a educação não poderia ser humanizadora, tampouco emancipatória. É, na verdade, vista apenas através do ângulo da Educação Escolar, a qual é meio preparatório para o trabalho, para a competitividade, para o mundo do “que vença o melhor”, para a mobilidade social.

Nesse sentido, Enguita (1989) vê a educação, exatamente, como forma de preparar o homem para o trabalho. Ele relata que, diferente do que acontecia na Grécia e na Idade Média, a educação ou aprendizagem, se davam no seio de outra família. Lá, aprendiam sobre boas maneiras e desempenhavam funções servis. Essa aprendizagem se dava no seio de outra família pois, o afeto poderia apresentar-se como obstáculo, uma vez que essas crianças precisavam aprender a ser independentes e auto-disciplinadas. Nesse período, as crianças quase nunca eram enviadas a escola, esta não sendo nem bem quista pelas classes altas da sociedade. Instruir o povo não era necessário, uma vez que era preciso dominá-lo, e instruindo-o esse processo se dificultava.

Para as crianças que viviam no “meio da rua”, os mendigos e órfãos, foram criados orfanatos. Estes foram criados para tirar as crianças das ruas intencionando manter a ordem e visando a “educá-los na disciplina e nos hábitos necessários para trabalhar posteriormente.” Percebe-se, então, que era uma educação voltada para o trabalho, na qual a instrução que não tivesse relação com o trabalho ficava em último plano e quando vivenciada, era algo bem rudimentar. Na Inglaterra, esses locais, eram conhecidos como *workhouses* que, segundo Enguita (1989), “(...) converteram-se em *SchoolsofIndustry* ou *CollegesofLabour*. O essencial não era já pôr os vagabundos e seus filhos a fazer um trabalho útil com vistas à sua manutenção, mas educá-los na disciplina e nos hábitos para trabalhar posteriormente (...)” (p. 109)

É, então, com o surgimento e fortalecimento da indústria que surgem novas necessidades. O trabalhador não poderia mais ser apenas piedoso, dócil ou resignado. Era necessário um trabalhador que aceitasse as regras que lhe fossem impostas. Para isso, era preciso que houvesse uma instrução que os dominasse. Nada melhor, então, do que a escola para executar tal função.

Ainda segundo Enguita (1989), fazia-se necessário uma educação voltada para a ordem. As salas de aula assemelhavam-se aos quartéis. Havia busca excessiva pela ordem, pela disciplina, pela pontualidade e pela compostura. Era uma educação voltada para a formação do trabalhador assalariado. À medida que o desenvolvimento da indústria crescia, mais o sistema educacional assemelhava-se ao sistema industrial. Logo, o sistema educacional deveria funcionar de tal forma que preparasse os alunos para o mundo industrial. Dessa forma, a escola teve como objetivo substituir a conduta do trabalho da sociedade agrária pela conduta adequada para a sociedade que deveria atender às exigências da indústria.

Desse modo, a educação não estaria sendo usada apenas para reproduzir? Permitindo apenas que os papéis se repitam? Não deveriam existir outros objetivos a serem desempenhados e alcançados por ela?

Brandão (1981) define o que hoje entendemos por educação. Ele diz que:

(...) a educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de uma sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento.” (p. 74)

Quando ele fala em “uma educação que se dá de acordo com as exigências de uma sociedade em um dado momento”, torna-se possível compreender que é a sociedade que determina o tipo de educação que lhe serve. Ditam o que é importante e o que pode ser descartado. Mas isso não acontece porque pais e professores se reúnem para pensar em como deve ser, mas porque, a educação:

(...) perde a sua dimensão de um *bem de uso* e ganha a de um *bem de troca*. Ela não vale mais pelo que é e pelo que representa para as pessoas. Não é mais um *dom* do fazer que existe no ensinar o saber que é um outro dom de todos e que a todos serve. A educação *vale* como um bem de mercado e por isso é paga e às vezes custa caro. Vale como um instrumento cujos segredos se programam nos gabinetes onde estão os emissários dos intermediários dos interesses políticos postos sobre a educação. (BRANDÃO, 1981, p.93)

No predominante modelo educacional que se tem hoje, não há espaço para que os sujeitos discutam como deve ser, o que esperam dela, onde pretendem chegar. Ela chega pronta. Quadrada, encadernada. Para muitos não faz sentido, para outros as imagens até são interessantes, mas em nada lhes parece útil. Ora, o ato de pensar sobre a educação está reservado “(...) aos donos do poder político e às pequenas confrarias de intelectuais constituídas como seus porta-vozes pedagógicos.” (BRANDÃO, 1981, p. 96)

E mesmo que o filho do pobre, do operário dividam o mesmo espaço e possuam o mesmo livro didático utilizado pelo filho do empresário, do engenheiro ou do mais bem sucedido cidadão, ainda assim:

“o filho do operário estuda para ser o operário que acaba sendo, e o filho do médico para ser médico ou engenheiro. Apesar de ser, também lá, um projeto teórico de reprodução da igualdade, a educação da sociedade capitalista avançada reproduz na moita e consagra a desigualdade social, sem esquecer de fazer alarde em festa de formatura quando algum filho de operário consegue sair formado da Faculdade de Engenharia.” (BRANDÃO, 1981, p. 90)

Logo, a educação, na forma escolar, continua a reproduzir. Para Althusser (1977), a escola é um dos Aparelhos Ideológicos do Estado e é o instrumento mais refinado para a reprodução das relações de produção capitalista. Baudelot e Establet (1971, *apud* SAVIANI, 1988) também demonstram crer que é assim que se deve compreender a educação e a escola. Ao elaborarem a “teoria da escola dualista”, eles defendem que a educação que se tem na escola é, de fato, dualista, uma vez que atende as exigências da sociedade, esta estando dividida em classes: burguesia e proletariado.

Não encontramos, assim, razões que nos levem a compreender o porquê de termos, ainda, a visão limitada que só consegue enxergar a educação passível de acontecer dentro dos processos formais? Não seria apropriado reafirmar que ela parece sempre estar sendo confundida com escolarização? Ora, por onde quer que “caminhemos”, encontramos uma forte ligação entre educação e escola. O que nos parece, desse modo, é que a educação que se dá no seio das famílias, ou em qualquer outro espaço que não a escola, foi deixada de lado. Ou se não foi deixada de lado por completo, foi colocada às margens do processo. Há possibilidades de mudança? Segundo Brandão (1981), Paulo Freire e alguns outros estudiosos do Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural - que tinha por objetivo prestar serviços educativos, especialmente aos países do Terceiro Mundo que lutavam por sua independência - pensaram sobre isso. Através de seus escritos nos permitem compreender que a mudança pode estar no ato de “reinventar”. Reinventar não só a educação, mas a sociedade. Assim transformam-se as ideias, os sonhos. Renova-se o olhar.

Além de Paulo Freire, alguns outros “sonhadores” (é assim que são chamados por muitos) investiram tempo falando e escrevendo sobre suas esperanças. Estavam ou ainda estão à frente de seu tempo. Podemos citar Alves (2004), que acredita que a função primordial da educação é ensinar a ver. Formal ou informal, ela deve ensinar a ver o mundo, perceber as pessoas, aprender sobre a vida. Valores que parecem tão desvalorizados atualmente. Nesse

percurso que somos chamados a ver, perceber, aguçar o olhar, desenvolver sensibilidade, Alves (1982, 2004) fala de educação, colocando alguns de seus "holofotes" na figura do professor. Ele acreditou e sempre desejou que se faz necessário ter um novo professor. Nada mais justo do que pontuar o papel deste profissional, visto que está perfeitamente ligado educação. Certamente falaremos sobre ele, mas no próximo capítulo trataremos, primeiramente, sobre Pedagogia. Assim, prepararemos o caminho para falar sobre o professor.

2. O QUE É PEDAGOGIA?

No capítulo anterior falamos sobre Educação. Buscamos tratar sobre a forte ligação existente entre educação e escola. Constatamos, então, que há predominância em se considerar a educação como sendo apenas um processo formal. No entanto, como já afirmamos anteriormente, sabemos que isso não pode ser aceito como uma totalidade, uma vez que, deve-se dar importância aos atos educativos que ocorrem fora do espaço escolar, e ainda da conjunção de ambos com o todo dos processos sociais.

Neste capítulo, abordaremos, então, a pedagogia ou as pedagogias e, mais adiante sobre o professor, pois não se pode falar em educação e escola sem mencionar o importante papel desenvolvido durante anos pela pedagogia e pelo profissional, tão pouco valorizado, que dá “vida” ao ato de ensinar.

Começamos então pela Pedagogia e suas contribuições, descrevendo sua longa jornada. Assim como compreendemos que para a grande maioria das pessoas pensar em educação e remeter o pensamento à escola, também acreditamos que para muitos de nós pensar em Pedagogia é associar este nome à instrução, ao ato de apontar o caminho. Estaria certo esse pensamento? Para Ghiraldelli (1991), “pedagogia está ligada ao ato de condução do saber.”. Ele explicita ainda mais que:

(...) a pedagogia, literalmente falando, tem o significado de “condução da criança”. Era, na Grécia Antiga, a atividade do escravo que conduzia as crianças aos locais de estudo, onde deveriam receber instrução de seus preceptores. O *escravo pedagogo* era o “condutor de crianças”. Cabia a ele levar o jovem até o local do conhecimento, mas não necessariamente era sua função instruir esse jovem. Essa segunda etapa ficava por conta do preceptor. Quando da dominação romana sobre a Grécia, as coisas se modificaram. Aí, os escravos eram os próprios gregos. E, nesse caso, os escravos eram portadores de uma cultura superior à dos seus dominadores. Assim, o *escravo pedagogo* não só continuou a agir como “condutor de crianças”, mas também assumiu as funções de preceptor.” (p. 8)

Além disso, acaba por afirmar que “(...) a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao *como ensinar*, a *o que ensinar* e, também, ao *quando ensinar* e *para quem ensinar*.”, e que, “(...) a pedagogia é a *teoria*, enquanto a educação é a *prática*.” (GHIRALDELLI, 1991, p. 9). Com Tardif (2002), temos uma definição mais “atualizada” sobre o que é a Pedagogia. Ele nos diz o seguinte:

A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao seu objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução). (p. 117)

Libâneo (1999), ao tratar sobre este tema em seu livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*, expõe o que pensa ser Pedagogia ao nos informar que,

(...) a meu ver, a Pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. (...) Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. (p. 22)

Mas seria isso o que se pensava acerca da pedagogia desde os primórdios? Observemos.

Fazendo um levantamento histórico sobre o que se tem como premissa pedagógica, encontramos a Bíblia como um dos livros mais antigos e “recheado” de ensinamentos pedagógicos. Há aqueles que arriscam e afirmam que Jesus foi o maior pedagogo que já existiu. Cristão ou não, não se pode negar que, de fato, seus ensinamentos e instruções são, em grande maioria, diretos e autoexplicativos. Ao citarmos outros mestres pedagógicos, veremos que seus ensinamentos possuem influência cristã. Isso reflete a forte participação do evangelho naquela época.

Nesse contexto histórico, porém, também surgem os de homens que construíram história no campo pedagógico. Seria falho falar de pedagogia sem citar nomes como o de Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, os Jesuítas, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Herbart entre outros. Há também os de nossos dias, com suas contribuições contemporâneas, mas sem deixar que nos esqueçamos do passado.

Para Platão, segundo Suchodolski (1992), o verdadeiro ato pedagógico deveria estar comprometido a “(...) ligar o homem à sua verdadeira pátria, a pátria celeste, e destruir ao mesmo tempo tudo o que prende o homem à sua existência terrestre.” (p. 30). Isto porque, havia espiritualidade em suas ideias, estas sendo condutoras da Pedagogia da Existência.

Já Aristóteles foi o responsável por fazer a separação entre *matéria* e *forma*. Segundo Suchodolski (1992), “de acordo com a sua compreensão, a matéria é passiva, variável, neutra; a forma é activa, duradoura, e dá um aspecto qualitativamente definido. A <<forma>> do homem é a atividade, uma atividade específica.” (p. 31). Para Aristóteles é a forma que molda a matéria, logo, para ele, há uma forma para todo tipo de homem.

São Thomás de Aquino, por sua vez, se liga às ideias de Aristóteles, acreditando não partilhar do que concebia Platão. No entanto, Aristóteles e Platão possuíam orientação pedagógica idêntica, divergindo apenas nos motivos que justificavam a ação. Logo, São Thomás de Aquino acabava por ter em suas ideias, influências platônicas. Ao pensar sobre a “tarefas e as possibilidades” educativas, S. Thomás de Aquino “(...) baseou-se na distinção entre potencial e atual”. Ele negou a concepção das ideias inatas e “considerou que o ensino era uma atividade em virtude da qual os dons potenciais se tornam realidade atual” (SUCHODOLSKI, 1992, p. 31). Essa atividade a que S. Thomas de Aquino se refere, não tem origem no homem nem por ele é definida. Tanto a atividade quanto suas regras estão “estabelecidas definitivamente nas Santas Escrituras, no apelo de Cristo para o ensino de todos os povos; o seu êxito está ligado sempre a graça da Providência.” (SUCHODOLSKI, 1992, p. 32)

Também “recheada” de princípios cristãos, o modo de educar dos Jesuítas foi bem particular. Enfatizava o ensino com orientação cristã, buscando “formar os jovens de modo a tornarem-se fiéis e obedientes filhos da igreja”. (SUCHODOLSKI, 1992, p. 37). Ghiraldelli (1991), pontua que o Brasil foi fortemente marcado pela pedagogia Jesuítica, sendo assim impossível não percebê-la como parte da nossa história. Eles, os Jesuítas, foram os responsáveis pela tão conhecida obra *Ratio studiorum*, publicada em 1599. Ainda de acordo com Suchodolski (1991), os Jesuítas, “enquanto, por um lado, faziam notáveis concessões no sentido de uma relativa adaptação do trabalho, do ensino e da educação à juventude, os Jesuítas realçaram ainda com mais vigor o sentido religioso e dogmático da essência pedagógica.” (p. 39). Logo, compreende-se que a todo custo a intenção era enquadrar a todos nos preceitos religiosos.

Já com Comenius, tivemos a continuação da “(...) tradição do Renascimento de tornar mais fácil e agradável o ensino escolar, (...) empreendeu um trabalho imenso de transformação fundamental dos programas e dos métodos de ensino.” Segundo Suchodolski (1991), a pedagogia de Comenius:

Aproxima-se da criança de modo incomparavelmente mais marcado do que qualquer dos seus predecessores contemporâneos. Aconselha, com toda a lógica, e mais do que qualquer outro, que o mestre siga o exemplo do jardineiro, que trata das plantas conforme as suas necessidades e possibilidades. (...) Comenius defende com energia o princípio de que a educação deve formar o homem de acordo com uma finalidade previamente estabelecida. (p. 41)

Ghiraldelli (1991) também dá suas contribuições nesta discussão ao expor que: “A pedagogia de Comenius pertencia a um mundo onde a produção manufatureira era dominante, um período que logo se viu superado.” (p. 15). É aqui que surge a importância de Rousseau.

A realidade que o interessa “é a vida concreta, cotidiana e verdadeira do homem”. Em sua obra *Emilio, ou da educação*, Rousseau (2004) dá enormes contribuições para o entendimento do que pensa ser a educação e de como esta deve acontecer. É em sua obra que surgem as figuras do *preceptor* e do *educando*. Para ele,

(...) a educação não deve ter por objetivo a preparação da criança com vista ao futuro ou modelá-la de determinado modo; deve ser a própria vida da criança. É preciso ter em conta a criança, não só porque ela é o objeto da educação (...), mas, primordialmente, porque a criança é a própria fonte da educação. É a partir do desenvolvimento concreto da criança, das suas necessidades e dos seus impulsos, dos seus sentimentos e dos seus pensamentos, que se forma o que ela há de vir a ser (...). (p. 50)

Pestalozzi segue a linha de pensamento de Rousseau. “Dedicou toda a sua vida às crianças pobres; devia providenciar de modo que pudessem encontrar meios de subsistência ao deixarem a infância, mas fundamentalmente preocupava-se em desenvolvê-las de acordo com os seus dons, as suas possibilidades, a sua experiência do mundo e da sociedade.” (SUCHODOLSKI, 1992, p. 51). Percebemos, assim, que estas últimas pedagogias estão mais voltadas para a figura da criança, não a percebendo como “adultos em miniatura”.

Surgem novos tempos e, novos tempos pedem novas pedagogias. Após Rousseau e Pestalozzi, surge Herbart (*apud* GHIRALDELLI, 1991) com toda sua forte influência. A pedagogia de Herbart contextualiza-se no período em que a burguesia tornara-se dominante e estava governando a sociedade industrial que se apresentava cheia de conflitos. Deveria existir uma pedagogia adequada para tal momento. Herbart não deixou que a burguesia ficasse “desamparada”. Ainda tomando por base os escritos de Ghiraldelli (1991),

(...) para a pedagogia de Herbart, não havia sentido falar de educação sem falar de instrução. A aquisição da cultura era, por si só, educativa. A educação era vista, em seu sistema, como um processo em que a “humanidade se educava a si mesma através das ideias que produzia”. Portanto, sua pedagogia previa a necessidade de oferecer aos estudantes, de

modo centrado, toda a cultura elaborada pelas gerações passadas. O importante para Herbart era que, através do estudo da matemática, das ciências físicas e dos clássicos da literatura, pudesse o projeto pedagógico forjar uma elite dirigente sábia, capaz, competente na tarefa de comandar as massas. (p. 16)

A pedagogia herbartiana marcou fortemente o século XIX. Este período, porém, também foi marcado por outra característica tão importante quanto os ensinamentos de Herbart. É nesse período que surgem as pressões por parte da classe popular pela instalação de uma rede pública de ensino. Diante da pressão, a burguesia tem que ceder e, efetivamente, construir escolas públicas. A pedagogia utilizada também nessas novas escolas foi a herbartiana, que mesmo sendo um ensino exclusivamente elitista, teve de ser utilizada nas escolas da rede pública.

Com isso, a burguesia se vê com um enorme problema nas mãos. Com a classe popular tendo acesso à escola, a dominação exercida pela burguesia não estava mais tão fácil de acontecer. Devido à instrução que recebiam, esta classe melhorou

(...) qualitativamente suas formas de luta. Do sindicalismo passavam à participação política e assustavam a burguesia. Além do mais, uma vez organizadas, as classes populares lutavam pela redução da jornada de trabalho, o que, fatalmente, iria lhes possibilitar maior tempo de lazer e de estudo. (...) Eram precisas modificações para estancar esse processo. E, sem dúvida, algumas dessas modificações passavam pela pedagogia. (GHIRALDELLI, 1991, p. 17)

Mais uma vez, constatamos que são as modificações e o surgimento de novas necessidades na sociedade que determinam que a pedagogia deverá predominar. A burguesia precisava encontrar uma forma de continuar possibilitando o acesso das classes populares à escola, mas sem permitir que fosse algo pleno. Afinal, se as classes populares fossem cada vez mais instruídas e escolarizadas, a burguesia estaria possibilitando uma revolução. A solução para esse problema surge com a Pedagogia Nova. O grande precursor dessa pedagogia é John Dewey. O que seria, pois, a Pedagogia Nova?

O movimento da Pedagogia Nova, ou movimento da Escola Nova, teve início com a criação, no fim do século XIX e começo do século XX, em solo europeu e norte-americano, de uma série de experiências educativas, autônomas e independentes entre si, que visavam implantar uma educação distinta da ministrada nas escolas oficiais (estatais e religiosas). De um modo geral, essas Escolas Novas defendiam a bandeira dos métodos ativos de ensino, de liberdade e autonomia do aluno, do ensino baseado no jogo e trabalho lúdico, dos trabalhos manuais, do respeito à iniciativa do aluno, etc. (GHIRALDELLI, 1991, p. 18)

Com este novo “modelo” pedagógico, a pedagogia herbartiana acabou por ser rotulada como sendo “tradicional, medieval e não científica” e foram as ideias de John Dewey que receberam a atenção de todos os holofotes. De acordo com Ghiraldelli (1991), para Dewey:

(...) uma aula deveria começar colocando os alunos livremente “em ação” (atividade). Da atividade dos alunos fatalmente deveriam surgir as dúvidas, as questões, as curiosidades (problema). Para resolver os problemas surgidos, alunos e professor deveriam recorrer à pesquisa (coleta de dados), procurando material nas bibliotecas, etc. Por fim, alunos e professor formulariam possíveis soluções para o problema (hipótese). O último passo consistiria na comprovação das hipóteses através da experimentação. (p. 20)

Ainda hoje Dewey é muito utilizado como fundamentação para a prática pedagógica em muitas instituições de ensino, assim como tantos outros que já foram citados mais acima. E hoje, que tipo ou quais tipos de pedagogia temos vivido e participado?

Falar sobre as pedagogias “atuais”, é, sem dúvida, buscar informações do conceitos e atos pedagógicos dos quais citamos anteriormente, pois eles foram base para a construção e solidificação do que vivemos hoje. Ao lermos o que diz e pensa Luckesi (1994), compreendemos que, por vezes, o que muda é a nomenclatura das “coisas”. Vejamos.

Segundo esse autor, são três os conceitos sobre educação que servem de base para as práticas pedagógicas. São eles: educação como *redenção*, como *reprodução* e como *transformação* da sociedade. De acordo com seus escritos no livro *Filosofia da Educação*, a educação redentora tem forte representação na pessoa de Comênio, o qual já falamos no início deste capítulo. Para Luckesi (1994),

(...) Comênio é um legítimo representante da tendência filosófica que considera a educação como redentora da sociedade. Para ele, pela educação das crianças e dos jovens a sociedade será redimida. Ele não crê nas possibilidades de reequilibrar a sociedade a partir dos adultos e acredita mesmo que sua “arte de ensinar” não servirá para eles. (p. 40)

Quando esse mesmo autor trata sobre a educação como forma de *reprodução* e *transformação* da sociedade, ele explicita que a primeira “(...) faz, integralmente, parte da sociedade e a reproduz. (...) Não a *redime* de suas mazelas, mas a *reproduz* no seu modelo vigente, perpetuando-a, se for possível.” (LUCKESI, 1994, p. 41). Por sua vez, a segunda, que tem como proposta transformar a sociedade,

(...) tem por perspectiva compreender a educação como *mediação* de um projeto social. Ou seja, *por si*, ela nem redime nem reproduz a sociedade, mas serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de

sociedade; projeto que pode ser conservador ou transformador. (LUCKESI, 1994, p. 48)

A partir dessa conceituação de educação, surgem os “fazer pedagógicos”, a prática. Luckesi (1994) fala sobre duas pedagogias básicas, a Liberal e a Progressista.

Ao contrário do que muitos pensam e até mesmo do que o termo que é utilizado abre espaço para que pensemos, quando se fala em liberal não atribui-se a essa palavra “(...) o sentido de ‘avançado’, ‘democrático’, ‘aberto’ (...). A doutrina *liberal* apareceu como justificação do sistema capitalista (...). A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade.” (LUCKESI, 1994, p. 54)

Logo, a pedagogia liberal tem sua utilidade para dar sustentação “(...) a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais (...)” (LUCKESI, 1994, p. 55). Esta Pedagogia teria validade em nossos dias? Certamente que sim.

O capitalismo é uma característica marcante na atualidade. Nas escolas da rede particular de ensino que estão entre as que possuem o custo mais elevado, é possível perceber que o ensino, a forma como ocorrem as relações interpessoais e o comportamento de muitos que a compõem, se dá de modo que há uma preparação para a integração da camada dominante da sociedade. O que difere nitidamente das escolas que fazem parte da rede pública de ensino. Nestas, aprende-se sobre submissão, resiliência, passividade.

Para Luckesi (1994), “a educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais (...)” (p. 54). Este autor se refere a esta tendência falando em “tendências liberais” pelo fato de que, ela se subdivide em quatro modelos pedagógicos. São eles: pedagogia liberal tradicional, renovada progressista, renovada não-diretiva e tecnicista. O que defende cada um desses modelos? O quadro abaixo nos traz estas informações:

Quadro 1: Modelos Pedagógicos derivados da Tendência Liberal

Tendência: Pedagogia Liberal	
Tradicional	“Caracteriza-se por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. É a predominância da palavra do

	professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual." (LUCKESI, 1994, p. 55) Nesta tendência, o professor é o transmissor do conteúdo. Em suas atitudes predomina a autoridade. Compreende o ensino apenas como repasse de conhecimento.
Renovada Progressista	A escola deve retratar fielmente a vida. O conhecimento resulta da ação dos interesses e necessidades do aluno. "Dá-se muito mais valor aos processos mentais e habilidades cognitivas do que a conteúdos organizados mentalmente." (LUCKESI, 1994, p. 59) Valoriza-se a ideia de "aprender fazendo". O papel do professor é auxiliar o desenvolvimento do aluno, que deve acontecer de modo livre e espontâneo.
Renovada não-diretiva	O papel da escola deve ser marcado pela formação de atitudes, devendo direcionar o foco mais nos problemas psicológicos do que nos pedagógicos e sociais. Nesta tendência os conhecimentos são dispensáveis e o desenvolvimento das relações e da comunicação é o que é primário. Propõe também uma pedagogia centrada no aluno, entendendo que "Toda intervenção é ameaçadora, inibidora da aprendizagem." (LUCKESI, 1994, p. 60)
Tecnicista	Subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de "recursos humanos" (mão-de-obra para a indústria). "Funciona como modeladora do comportamento humano, através de técnicas específicas." (LUCKESI, 1994, p. 61) A escola atua no aperfeiçoamento da ordem social em vigor. Nesta tendência, o professor exerce a função de "ponte" entre a verdade científica e o aluno, e este último é um indivíduo não participativo, que não contribui para a elaboração do programa educacional.

Se, segundo Luckesi (1994), essas são as tendências que mais encontram espaço em nossas escolas, por exemplo, quais seriam as que pouco são utilizadas? Ele nos fala, então, da Pedagogia Progressista. Esta se subdivide em Libertadora, Libertária e Crítico-Social dos Conteúdos. Sobre esta tendência, Luckesi (1994) explicita que,

(...) o termo “progressista”, emprestado de Snyders, é usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação.
(...)

E por que seriam pouco utilizadas? Ora, se nossa sociedade é predominantemente capitalista, como então poderia abrir espaço para pedagogias que têm como princípios formar os cidadãos de modo que estes sejam sujeitos atuantes, contribuintes e ativos? Como permitir que as crianças sejam formadas com base em uma pedagogia que questiona, que faz refletir, que discute? Não há espaço para isso, não é?

Com a exposição do quadro abaixo entenderemos o porquê de essas tendências serem indesejáveis em nossos dias.

Quadro 2: Tendências Pedagógicas derivadas da Pedagogia Progressista

Tendência: Pedagogia Progressista	
Libertadora	Sua característica mais marcante é o fato de não estar associada ao ensino não-formal, no entanto muitos educadores vêm utilizando seus pressupostos em sala de aula. Aqui não se fala em conteúdos, mas sim em “temas geradores”, estes sendo extraídos do cotidiano dos educandos. O diálogo é essencial para essa tendência e a relação entre professor e aluno é horizontal.
Libertária	"Essa tendência espera que a escola exerça uma transformação na personalidade dos alunos num sentido libertário e autogestionário. (...) Nessa tendência, o professor é um catalisador, ele se mistura ao grupo para uma reflexão em comum." (LUCKESI, 1994, p. 68) Valoriza-se muito a criticidade. Além disso, a "escola libertária" tem um papel fortemente político. Os conteúdos surgem a partir das necessidades e interesses do grupo e são percebidos como um instrumento a mais, e não como algo essencial.

Crítico-social dos conteúdos	Diferente das duas tendências anteriores, nesta o espalhamento dos conteúdos é visto como tarefa primordial. A escola é parte da sociedade e tem papel transformador. "O trabalho docente relaciona a prática vivida pelos alunos com os conteúdos propostos pelo professor." (LUCKESI, 1994, p. 71) O papel do professor é o de mediador e é indispensável.
------------------------------	--

Após essa exposição de ideias das duas tendências e suas respectivas subdivisões listadas por Luckesi (1994), podemos concordar com o autor quando ele defende que no Brasil, a tendência liberal tem mais espaço de atuação. Isso se dá tanto pelo sistema capitalista, esse não permite que a tendência progressista se mova com tanta liberdade assim, quanto pela “facilidade”, se é que de fato há facilidade no processo educativo, de reproduzir um modelo que vivemos há bastante tempo. Por isso, falou mais acima na “mudança de nomenclatura”, na ligação e dependência entre passado e presente.

Se o passado é tão forte assim e parece determinar o presente, influenciando o futuro (é o que acreditam muitos e é coerente assim pensar), haveria uma forma de mudança? Seria a prática pedagógica uma forma de escape? Investir na formação de professores? Por que deixar de ter uma sociedade capitalista é utopia. Pensemos em outros meios. Falemos então do professor. Como pode, esse profissional, contribuir para mudanças? É possível? Discutiremos essas e outras questões no capítulo seguinte.

3. PROFESSOR OU EDUCADOR?

Professor ou Educador? Como deveríamos chamar o profissional que se dedica ao ensino e que, geralmente, está em sala de aula? Ou, há o professor e o educador? Existe mesmo diferença? Compreendamos.

Para Rubem Alves (1982) sim, há diferença. Em seu texto *O preparo do educador*, contido no livro *O Educador: Vida e Morte*, ele diz que:

(...) o *educador*, pelo menos o ideal que a minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O *professor* ao contrário, é *funcionário* de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. (p. 19)

Segundo esse autor, o professor está mais interessando em alcançar metas, cumprir deveres, repassar conhecimento. É mero instrumento de formalidade. O educador, ao contrário, está comprometido com o saber, com o desenvolvimento, com a felicidade. Seria inapropriado falar sobre felicidade? Falso romantismo? Utopia? Pura idealização? Para muitos, sim. Rubem Alves, por exemplo, acredita que falar sobre educadores é o mesmo que sonhar, visto que, segundo este autor vivemos em um espaço funcional, marcado pelos resultados. Tal espaço não permite que o educador “ganhe vida”, não há espaço para ele ou, “(...) que se fale sobre coisa alguma que se move num espaço definido pela liberdade. O educador tem, assim, o estatuto de um conceito *utópico*, de *existência prática proibida* e, por isto mesmo, existência *teórica impossível*.” (ALVES, 1982, p. 20)

Há, portanto, coerência, validade sobre o que pensa e diz Rubem Alves? Ora, se falarmos da profissão docente tendo como parâmetro os nossos dias, veremos que não é tão fácil assim exercer essa profissão no Brasil, principalmente quando se fala na rede pública de ensino. Pode ser que, por isso, tenhamos mais contato com professores do que com educadores.

É bem verdade que existem exceções e somos felizes por elas existirem. Há alguns meses, penso que em maio ou junho do corrente ano, um programa televisivo dominical fez uma série de reportagens sobre o ensino público em nosso país. Inicialmente, mostrou-nos várias escolas e localidades esquecidas pelo governo. Mostrou-nos aberrações, se é que assim

podemos denominar o que vimos. No entanto, no meio do caos, existia sempre a figura curiosa de algum educador que buscava revolucionar a história da educação para a sua comunidade, seus alunos. Às vezes, com a ajuda dos familiares das crianças, dos sujeitos da comunidade, conseguia dar alguns passos e tornar diferente ou ao menos, amenizar o sofrido dia a dia na escola.

O programa televisivo mostrou-nos também, como que em uma tentativa de remissão para que não ficássemos tão desacreditados, na reportagem da semana seguinte, sucessos de escolas da rede pública de ensino. Casos que “deram certo”. Nessas escolas, o trabalho obtinha êxito pelo esforço e empenho conjunto de todos os profissionais e funcionários da escola, ou por programas de incentivo, prêmios de ONG dentre outras curiosidades.

Diante disso, deparamo-nos com a seguinte questão: seria possível um educador, mesmo habitando solo infértil e seco, fazer com que floresçam árvores? Há poder nas mãos do educador? Referimo-nos aos educadores por acreditarmos, assim como Rubem Alves, que esses são nossos mestres.

Para o senso comum, a lógica de resposta para a questão acima é: Não, não é possível. Certamente se você plantar algo em um solo infértil, seco, a possibilidade de germinação da semente é nula. No entanto, o educador, ao se deparar com esse solo, não inicia seus trabalhos com a plantação. Ele não tem pressa e não tem sede por resultados. Sua preocupação inicial é cuidar do solo, modificá-lo. Transformá-lo. É um trabalho lento que exige paciência. Depois de arar o solo, o educador inicia as plantações. Compartilha ensinamentos sobre respeito, confiança, coragem. Ensina valores, divide princípios. Vive. Caminha junto. Permite-se ser ensinado. Mostra-se gente como os demais. Reconhece-se errante.

Pode ser que a figura revolucionária da qual falamos mais acima, aquela que foi exposta no programa televisivo dominical, seja desse educador assim descrito. Por que um professor não poderia ser, já que ele está comprometido com outros afazeres, tem outros objetivos. Não gasta tempo com individualidades. Para ele, a sala de aula é uma mistura homogênea. Profundo engano. O educador, ao contrário, abraça causas. Seu empenho vai além do ensino dos conteúdos. Ele não é fiscal do ensino. Está, sobretudo, comprometido com a formação humana de seus alunos ou educandos, como queiram chamar.

É exatamente nesse ponto que somos levados a pensar que o que temos feito e vivido em nossa educação pode ser percebido como retrocesso. Entendamos.

Brandão (1982) nos leva a essa reflexão ao nos informar que:

Ora, se os livros que contam hoje a história da educação grega são verdadeiros, os velhos escravos pedagogos faziam alguma coisa semelhante ao que hoje desejamos que seja a educação no seu sentido mais pleno, logo, mais humano. Por oposição ao mestre-escola, o professor de “sala-de-aula”, que instruía sobre as regras de ler-escrever-e-contar, o pedagogo ensinava o sujeito sobre como “tornar-se pessoa”. Ele transmitia o saber vivo do mundo social e os princípios do saber viver plenamente a vida deste mundo. De um lado a educação do homem; de outro, a instrução mecânica de seus pedaços. O pedagogo educava com o saber de sua pessoa, o mestre-escola instruía com o saber de sua técnica. (p. 76)

Sabemos, porém, que em nossos dias não há muita possibilidade para uma educação centrada na formação humana dos alunos/educandos. Não há tempo para isso. Pode ser que essa seja a maior justificativa: a falta de tempo. As aulas são rápidas e a manhã ou tarde é repleta delas. Não há muito tempo para que o professor interaja com os alunos. Nas séries mais avançadas, é um entra e sai constante de professores em sala. Cada um é responsável pela sua matéria. Não há interdisciplinaridade. Os conteúdos apresentam-se em blocos, e os alunos, por conta própria, é que devem fazer as conexões entre os eles e dar sentido à rotina estabelecida a partir do individualismo, da competitividade, da artificialidade do conhecimento.

Nas séries iniciais há certas e significativas diferenças. Um único professor, geralmente, é responsável por todo o ensino da turma. A esse profissional chamamos de Pedagogo. É o incrível professor polivalente. Para o Pedagogo, por outro lado, é menos complicado estar mais próximo de seus alunos. Por acompanhá-los durante todas as atividades e por compartilhar com eles todos os conteúdos, esse professor consegue conhecer seus alunos mais de perto. É possível saber suas preferências. Se está de costas copiando algo na lousa, reconhece-os pela voz.

Se existem tantas peculiaridades, seria justo, então, colocar toda a responsabilidade nas mãos dos educadores? Certamente não. Ora, se existem inúmeras dificuldades e, muitas delas, não estão totalmente ou nem um pouco ligadas ao trabalho que é desenvolvido em sala de aula, por que sabemos que existem situações que estão além do trabalho docente, como então possuir bons professores (educadores) interagindo e formando nossos alunos?

Uma coisa é certa: é de educadores que precisamos, isso é fácil de acreditarmos. Como fazemos, entretanto, para formá-los? Onde os encontramos? Se fizermos menção aos Pedagogos, por exemplo, que cursando sua graduação em universidades ou faculdades

distintas, são submetidos a uma matriz curricular com muitas semelhanças, por que apenas poucos são formados educadores? Ou melhor, há como formá-los?

O sábio mestre Rubem Alves (1982), ao falar-nos sobre a diferença entre professores e educadores, nos faz saber algo mais:

Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialista em reprodução, peça num aparelho ideológico de Estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar o educador. Talvez que isso não seja nem necessário e nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprendemos que educadores não se extinguíram como tropeiros e caixeiros. Porque, talvez, nem tropeiros e nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam como memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que o chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordado, ele repetirá o milagre da instauração de novos mundos.” (p. 28)

Acordá-los? É possível? A formação que recebemos, enquanto pedagogos, possibilita-nos que acordemos e nos percebamos como educadores? José Carlos Libâneo (1999), em seu livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*, mostra-nos o tipo de profissional que deve ser formado nos cursos de Pedagogia. Este autor diz que:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender a demandas sócio-educativas de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental – não apenas na gestão, supervisão e coordenação pedagógica de escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição e políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instâncias de educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços para a terceira idade, nos serviços de lazer e animação cultural, na televisão, na rádio, na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional etc. (1999, p. 31)

Deparamo-nos, assim, com inúmeros desafios, visto que, de acordo com a definição acima, ser pedagogo está além da atividade de ensino. E, se ser pedagogo já nos implica uma série de atividades, o que diremos, pois, do pedagogo que é educador. Torno a afirmar: estamos diante de um enorme desafio, que por vezes, pode nos paralisar.

Ora, quando se vive em uma época onde tudo deve apresentar resultados, e mais do que isso, devem ser rápidos, o ato de educar parece tornar-se ainda mais distante da realidade. Por isso vemos o racionamento de educadores. Não há espaço para eles. A escola e a família

buscam a aprovação de seus alunos e filhos, respectivamente, nos vestibulares. O comprometimento maior é com a relação dos alunos aprovados que deverá ser divulgada no jornal da cidade.

Voltamo-nos mais uma vez para Rubem Alves e sua crença. Assim como ele, declaramos acreditar que as universidades e faculdades de pedagogia não formam educadores, apenas podem acordá-los. Formam sim, o pedagogo, que, para Libâneo (1999, p. 25),

(...) é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Repetimos: não é de pedagogos com seus diplomas que precisamos. Pedagogos com diplomas podem ser professores e na ordem das coisas, professores são “(...) gerentes de produção, controladores de qualidade, especialistas no ensino de técnicas.” (BRANDÃO, 1982, p. 24)

O que falta-nos são educadores, mestres! Já não bastasse a falta deles em nossas escolas, tais profissionais veem-se cada vez mais, sendo substituídos pelas tecnologias. Gusdorf (1963), compreendeu essa verdade há bastante tempo e escreveu o seguinte:

O professor não fala como um livro, é uma presença concreta, qualitativamente diferente da presença abstrata e ausente que os métodos áudio-visuais, agora tão na moda, podem trazer aos alunos. O professor fala, mas a palavra docente não é apenas uma palavra *diante* da turma, é uma palavra *na, com e para* a turma. (p. 54)

Com isso, percebemos que não se pode jamais desconsiderar a fala do educador. Não refiro-me a um som, ou a um amontoado de palavras. Mas sim, de uma fala cheia de significados e nada neutra, que estabelece relação direta com sua conduta, com suas crenças, seus princípios. É isto que também ensina o educador. Pois, “os anos de escola passam e esquece-se as regras de três, as datas da História da França e a classificação dos vertebrados. O que fica é a lenta e difícil tomada de consciência duma personalidade.” (GUSDORF, 1963, p. 57)

E é por compreender o dia a dia do pedagogo/educador em sala de aula que chegamos a tais conclusões. Este dia a dia ao qual nos referimos é palpável, visto que, estamos ou já estivemos lá, somos atores e sujeitos. Vivemos na e a prática da sala de aula. Por isso, acreditamos que retornar a sala de aula todos os dias, com entusiasmo, dedicação, compromisso e respeito aos educandos, é característica do educador.

De acordo com Gusdorf (1963), o educador recomeça o milagre da educação todas as manhãs. O professor, contudo, não consegue trilhar o caminho da educação com essas mesmas características. Facilmente caminha por atalhos, abre mão, desiste. “Entrega os pontos”. Se opta por continuar, faz o trabalho de qualquer jeito. Acima de tudo está mais interessado em seu contracheque do que em qualquer outra coisa.

Sabemos, obviamente, que nenhum profissional, por mais apaixonado pelo seu trabalho que seja, trabalha única e exclusivamente por amor ao que faz. Todas as pessoas necessitam de renda para garantir a sobrevivência. No entanto, quando nos referimos ao educador, a relação com o trabalho que desenvolve se dá de modo totalmente diverso ao modo do professor, pois o que nos parece é que o educador vive o *ser educador*. É leve no que faz. Vive esse *ser* cotidianamente. É o seu respirar. Por isso, há nele combustível para retornar a sala de aula todas as manhãs com a mesma dedicação e compromisso. Não seremos tolos em acreditar que o educador nunca esmorece. Sabemos que isso acontece sim, pois não há como retirar isso do seu dia a dia, da sala de aula. Contudo, o olhar que ele lança sobre as más experiências é diferente. Busca ressignificá-las. Não simplesmente as descarta.

Destacamos, assim, uma grande diferença entre professor e educador: o olhar. Olha-se de outra forma, por outro ângulo. São outras janelas. O curioso é que eles são formados na mesma universidade. O endereço é o mesmo, a sala também. A mensagem, entretanto, chega de modo totalmente diverso. É outra pedagogia. Gusdorf (1963) fala sobre a pedagogia do mestre, deixando-nos claro que:

A pedagogia do mestre desenvolve-se, assim, numa espécie de contraponto da pedagogia do professor. O professor ensina a todos a mesma coisa; o mestre anuncia a cada um uma verdade particular e, se foi digno da sua missão, espera de cada um uma verdade particular, uma resposta singular e uma plena realização. A mais alta função da mestria parece, pois, ser o anúncio da revelação para lá da exposição do saber. O professor exerce a sua profissão, o mestre intervém como agente duplo, utilizando para outros fins essa atividade de cobertura. (p. 92)

Para o educador, ensinar os conteúdos é um “pretexto” para formar cidadãos. Dizemos isto, pois não se pode ensinar sobre respeito, solidariedade, generosidade, cidadania etc, sem vivê-los. Se assim alguém proceder, facilmente será interrogado por falar de algo que não vive. Gusdorf (1963) nos traz uma bela citação de Sócrates acerca desse assunto. Ele nos diz que:

Perguntava Sócrates se a verdade, ou a coragem, ou a piedade se podiam ensinar. A resposta não é simples, pois é evidente que não basta pregar:

“Sede virtuosos, sede corajosos...”. Pode-se ensinar a tabuada, a gramática grega ou as Ilhas do Pacífico. Mas quando se trata de atitudes humanas e de opções essenciais perante as dificuldades do mundo, não podemos contentar-nos com recitar de cor respostas já feitas. Cada um deve realizar o melhor de si, e enfrentar, e inventar decisões que compreendam ao seu voto. (p. 92)

Ressaltamos, desta maneira, mais um motivo para que creiamos na importância de andar junto com o aluno. De permitir que nos conheçam, que saibam os nossos medos. Não acreditando que fazendo assim nos tornaremos vulneráveis, mas sim, que nos tornamos humanos, porque na imaginação de grande parte dos alunos, o professor é infalível, imutável e muito poderoso. Tudo sabe ou, pelo menos, tudo deve saber. Isso parece assustar alguns de nós. Não nos sentimos confortáveis em dizer a um aluno “Não sei sobre esse assunto, mas posso pesquisar e conversar com você amanhã.” Parece ser vergonhoso assumir que não sabemos de algo. Colocamo-nos para eles como “pseudogoogles”, o que não é nada interessante. Também falhamos, e precisamos deixar isso claro.

Não quero, pois, aqui dizer que enquanto educadores iremos agradar a todos os nossos alunos ou que seremos um referencial para todos eles. Não, não é isso. Mas o que quero dizer é que enquanto educadores podemos plantar sementes, abrir novas janelas. Acredito, assim como Gusdorf (1963), que “o diálogo do mestre com o discípulo pode assim reduzir-se a alguns contatos fugidios; mas pode também estabelecer uma amizade vigilante.” pois, “o mestre não é repetidor de uma verdade já feita. Ele é o que abre uma perspectiva sobre a verdade, (...)”

Gadotti (1992) contribui com nossa discussão acerca do educador ao nos trazer uma definição clara e precisa sobre o papel que nós, enquanto educadores devemos desempenhar. Ele nos diz que:

Assim, a tarefa do educador, nessa sociedade, é a de criar condições objetivas que favoreçam o aparecimento de um novo tipo de pessoa: solidária, organizada, capaz de superar o individualismo, valor máximo da educação capitalista. No contexto da dominação política e da exploração econômica, o papel do educador revolucionário é um papel contra-hegemônico. (p. 44)

Do mesmo modo, com Freire (1982) recebemos uma chamada para despertar, ao ser-nos dito que:

Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que parecem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento

com o hoje, com o aqui e o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (p. 101)

Inadequado falarmos de sonhos? Por onde andam os sonhos possíveis de Paulo Freire que lemos tanto em seus livros? Poderemos vivê-los? E a sua tão sonhada educação libertadora? Acreditamos que, não é inadequado. Pois, se não falarmos sobre sonhos, estaremos nos mostrando adormecidos. Então, que sejamos meios para a *instauração de novos mundos*, não colocando sobre nós a responsabilidade de heróis, como o das histórias em quadrinhos, mas a missão de possibilitar a construção de um diálogo constante que mostre aos nossos alunos/educandos, novas perspectivas.

Em um sentido mais concreto, entretanto, que pedagogos estão atuando hoje? São assim, como descrevemos neste presente capítulo ou pensam e se mostram de modo diverso? Destinamos o próximo capítulo para responder a essa pergunta e a algumas outras que também formulamos e que aparecerão mais adiante. Além disso, ficaremos a par do que é visto e sentido como desafio, quais os maiores dilemas e como eles costumam lidar com eles.

4. BUSCANDO ALGO MAIS: APRESENTANDO A METODOLOGIA E OS DADOS COLETADOS.

Nos capítulos 1, 2 e 3 falamos sobre Educação, Pedagogia, Professores e Educadores, respectivamente. Percebemos, então, que esses assuntos são indissociáveis, a relação entre eles é profunda, o que torna difícil falar de cada um separadamente.

Entendendo a necessidade de saber algo mais, de poder encontrar novas contribuições, acreditamos, no desenvolvimento deste trabalho monográfico, que seria válido aplicar questionários com pedagogos já formados ou em formação.

Optamos pela utilização dos questionários para a obtenção dos dados por acreditarmos, assim como Parasuramam (1991), que o uso de questionários é muito válido para se obter os dados necessários para o alcance dos objetivos e também pelo fato de que tal autor acredita ser o questionário um instrumento importante para a pesquisa científica.

O porquê de termos escolhido apenas pedagogos para aplicar o instrumento deve-se ao fato de que temos por objetivo conhecer mais sua visão sobre o bom professor/educador, entendê-lo, nos inteirarmos do seu fazer docente, que para nós, é “recheado” de ações diferenciadas.

A escolha por pedagogos deve-se também ao fato de estar formando-me pedagoga. Logo, pensei que nada mais pertinente do que aplicar questionários com uma realidade vivida e sentida durante longos quatro anos e meio. Além dos participantes da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED), também foram aplicados questionários com algumas pedagogas que trabalham em uma escola da rede particular de ensino em Fortaleza/CE, local de nossa prática profissional. A escolha por pedagogos dessa escola não tem um porquê especial, deu-se apenas pelo fato de que venho desenvolvendo um trabalho como estagiária de pedagogia nessa instituição de ensino. Desse modo, o convívio com essas pedagogas possibilitou-me poder contar com as suas contribuições para o enriquecimento deste trabalho, assumindo a formação que ocorre nas escolas e no exercício do magistério, o dito saber da experiência. (PIMENTA, 2008)

Agora falemos, então, do questionário aplicado. Tal instrumento foi elaborado visando a saber o que os pedagogos pensam ser o bom professor/educador, os maiores desafios

enfrentados nessa profissão e como lidar com eles. As perguntas formuladas, assim como todo o questionário poderá ser conhecido através do Apêndice deste trabalho.

Ao elaborá-lo, buscamos estabelecer uma relação entre as perguntas que, inicialmente, nos informasse um pouco sobre a trajetória docente do sujeito e sobre o que ele pensava sobre ser bom professor. Optamos por não deixar a pergunta alvo tão clara, pois pensamos que poderíamos correr o risco de recebermos respostas nas quais os sujeitos não falassem de si. Por isso, na questão cinco, utilizamos termos como “reconhecimento”, “exemplo” e “sucesso”, visando gerar respostas reflexivas e consistentes. O formato escolhido para o questionário em questão, assemelha-se ao de um funil, como dizem Lüdke e Menga (1986). Ao se referirem a esse formato de pesquisa, tais autoras afirmam que "(...) no início há questões ou focos de interesse muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos." (LÜDKE e MENGA, 1986, p. 13)

Foram entregues 50 questionários, ou seja, estabelecemos contato direto com 50 pedagogos para que eles respondessem o instrumento disponibilizado. A distribuição entre alunos da FACED e pedagogos da rede particular de ensino se deu de modo aleatório, iniciando-se a sua distribuição na última quinzena de outubro de 2014. A única exigência feita foi a de que cursassem ou já estivessem cursado graduação em pedagogia. Dos 50 questionários entregues, 38 foram respondidos e devolvidos. É dessa amostra, correspondente a 76% do total, que faremos a exposição e análise das respostas mais adiante.

4.1 CARACTERIZANDO A FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ E A INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE ENSINO QUE CONTRIBUÍRAM PARA A APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.

Como já dissemos anteriormente, os questionários foram aplicados com alunos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e com pedagogas de uma Instituição particular de ensino localizada, também, em Fortaleza/CE.

O curso de Pedagogia surgiu integrado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), com o amparo da lei nº3866, de 25/01/1961, começando a funcionar no primeiro semestre de 1963. Em 1966, iniciou-se um debate na Faculdade para a criação da Faculdade de Educação. Isto porque, segundo Fernandes (2014), “(...) a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se desmembrara em quatro escolas independentes: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Letras e Arte, Faculdade de Educação e Faculdade de Ciências.”

É apenas em 1968, porém, que surge a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, mais precisamente em 16/12/1968. De 1968 para cá, 2014, inúmeras modificações já ocorreram, tanto no que diz respeito à estrutura física da FACED, como no que está relacionado com o seu Projeto Pedagógico Curricular (PPC) e tantos outros aspectos. Atualmente o curso passou por mais uma reformulação no PPC com o intuito não só de atender as exigências do Ministério da Educação, mas de que haja maior identificação dos estudantes com o curso.

Em relação a Instituição Particular de ensino que também colaborou com a aplicação dos questionários, não podemos falar tanto quanto o fizemos em relação a FACED, pois facilmente o leitor poderia identificá-la. Mas, cabe aqui salientar que se trata de uma instituição de renome e prestígio, comprometida com o ensino e valores cristãos. Atende aos públicos da classe média e classe média alta e oferece os seguintes níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio e educação superior. Está funcionando há mais de 70 anos, o que lhe garante reconhecimento incontestável. A escolha por esta Instituição para a distribuição dos questionários, como já dito anteriormente, se deu pelo fato de que no mesmo período da elaboração e aplicação deste trabalho, estive desenvolvendo um trabalho como estagiária em uma turma do Ensino Fundamental I.

4.2 QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO?

Para a melhor visualização dos dados, iremos expor a caracterização inicial dos sujeitos fazendo uso do quadro seguinte. Dos questionários respondidos, uma amostra de 76%, obtivemos a seguinte divisão:

Quadro 3: Divisão dos sujeitos por semestre

Sujeitos Graduandos		Sujeitos Graduados
2° semestre	1 sujeito	5 sujeitos
6° semestre	18 sujeitos	
7° semestre	3 sujeitos	
8° semestre	5 sujeitos	
9° semestre	4 sujeitos	
10° semestre	2 sujeitos	

Dos 38 questionários respondidos, apenas 2 sujeitos dizem já possuir pós-graduação, um em Coordenação Pedagógica e outro em Educação Inclusiva. Esses dois fazem parte do grupo dos questionários que já concluíram a graduação. Um outro, está cursando pós-graduação em Gestão Pedagógica na Escola Básica. Dos outros dois questionários que também fazem parte desse grupo, 1 sujeito não possui pós-graduação e o outro disse não possuir interesse em fazer pós-graduação na área pedagógica, afirmando que atualmente está cursando outra graduação e que nessa é que pretende fazer mestrado, doutorado, ou seja, dar seguimento aos estudos.

Os demais 34 sujeitos, que são os que ainda estão cursando a graduação em pedagogia, apenas 1 respondeu à pergunta 2.1 (as respostas desta pergunta bastante nos interessam) dizendo que não pretende dar seguimento aos estudos após finalizar a graduação em pedagogia, pois seu desejo é fazer outro curso superior. O restante, 33 contribuintes, foram unânimes em afirmar que desejam dar continuidade aos estudos. Alguns foram mais enfáticos em suas respostas, outros disseram apenas “Sim”. Os que discorreram mais em suas respostas, usaram argumentos como: desejo de tornar-se a melhor profissional da área, aprender nunca é demais, necessidade de aprofundamento, realização profissional, aprimoramento profissional,

perceber-se como eterno aprendiz, alcançar melhores salários, crescimento pessoal, desejo de seguir carreira universitária, não sentir-se capacitada apenas com a graduação etc.

Vemos aqui, observando que a maioria das respostas dos sujeitos é positiva em relação a dar continuidade aos estudos, que estes compreendem como sendo importante para a atuação em sala de aula, estarem em contínuo processo de aprendizagem. Afinal, enquanto pedagogos em formação, devem considerar que o conhecimento que se deve ter não é restrito a um conteúdo que se aprende no período da graduação e não mais precisará aprender sobre ele. Formar-se pedagogo e estar atuando em sala de aula exige bem mais do que conhecimentos definidos e “encaixotados”. Ser pedagogo, é também, fundamentalmente, compreender que sempre devemos estar abertos para novos conhecimentos e para ressignificá-los.

Quando questionados se atualmente estão atuando em sala de aula e em qual rede de ensino, 18 sujeitos disseram estar lecionando na rede particular de ensino, 1, na rede pública, 1 dá aulas particulares e os outros 18 afirmaram que não estão lecionando. Desse grupo de 18 que não estão lecionando atualmente, 2 já lecionaram na rede pública de ensino, mas precisaram sair devido ao término do contrato, ou por motivos pessoais. Outros 5 sujeitos, também participantes deste segundo grupo de 18, já lecionaram na rede particular de ensino. Os motivos que os fizeram “deixar a sala de aula” são muito diversos. Por exemplo, término do contrato, conquista de uma bolsa de extensão na universidade, falta de tempo, a escola era muito distante da residência e ainda houve um sujeito que afirmou ter constatado que os custos superavam os benefícios.

Dos 18 sujeitos que disseram não mais estarem lecionando, os motivos pelos quais deixaram a sala de aula não nos impressionaram muito. Apenas a resposta de um sujeito muito chamou a nossa atenção, pelo fato de ter-nos informado que optou por deixar a sala de aula devido ao fato de ter constatado que os custos superavam os benefícios. Perguntamo-nos então, fazendo menção e retomando a fala de Rubem Alves, mas sem o intuito algum de julgamento, se tal sujeito, já foi acordado do sono profundo para a instauração de novos mundos. Bem sabemos, queremos deixar claro, que sempre nos deparamos com professores que dizem sentirem-se desmotivados por conta dos pequenos salários ou por péssimas condições físicas das escolas, entre outros fatores. Mas, imaginemos se, então, todos os pedagogos que sentem-se desvalorizados financeiramente, decidem, de uma só vez, largarem

as escolas nas quais lecionam. O caos se instalaria, não? Não existem ou nunca existiram outros fatores que pudessem fazê-los reconsiderar tal atitude? E os alunos?

Rubem Alves (1982), ao tratar sobre o número elevado de abandono dos professores em relação à docência nas escolas, públicas ou privadas, ou ao anseio pelo término do “tempo de trabalho”, compara-os com “amantes que desejam aposentar os corpos da experiência do amor”. Este autor nos leva à reflexão ao expor o seguinte:

Eu me atrevo a dizer que o fantasma que nos assusta e que nos causa pesadelos mesmo antes de adormecer, o fantasma que nos faz contar, apressados, os anos que ainda nos faltam para a aposentadoria, é a absoluta falta de amor e paixão, o absoluto enfado das rotinas da vida do professor. E por mais força que façamos, não descobrimos aí uma razão para viver e morrer. *Que amante quererá aposentar seu corpo após 25 anos de experiências de amor? O amor e a paixão não anseiam pela aposentadoria, porque são eternamente jovens.* (...) Não me entendam mal. Não vai aqui uma crítica. Vai apenas uma constatação: como deve ser sem sentido à vida de alguém que, após vinte e cinco anos, se sente exaurido! (p. 24)

Para muitos de nós, concordar com Rubem Alves é mostrar-se possuidor de uma visão muito romântica da educação. Devo confessar, porém, que acredito que tal autor possui coerência em seus argumentos. Isso por que, certa vez, em uma das aulas de Estágio Supervisionado, toda a turma foi levada a discutir um texto de Paulo Freire que tratava sobre amor e paixão pela docência e pelos alunos. Relutei em acreditar que nós, enquanto professores, poderíamos amar nossos alunos. Não concebia como possível que esse sentimento existisse e fosse consistente. Mas, atualmente, ao estar em sala de aula, percebo-me totalmente envolvida e amante das minhas manhãs.

Dando continuidade à análise e exposição das respostas, outra pergunta, assim como a 2.1, que bastante nos interessa, é a 4, pois ela vai tratar sobre a identificação do aluno com o curso. Dos 38 sujeitos que responderam ao questionário, 17 afirmaram que sempre almejavam ingressar na profissão docente. Os outros 21, por outro lado, não pensaram na Pedagogia como primeira opção. Dentre eles, uns até possuem outra graduação, ou iniciaram e depois abandonaram. Os motivos que os fizeram chegar até a Pedagogia são bem diversos, e dentre eles, houve sujeitos que disseram ter optado pela graduação em Pedagogia pelo fato de ser pouco concorrida, o que facilitava o acesso à Universidade. Destacamos aqui algumas das respostas obtidas nesta questão: "Não. Cursei dois anos de Publicidade e Propaganda, fiz o trancamento para fazer um intercâmbio de um ano no Canadá. Lá tive a oportunidade de trabalhar com minha cunhada, também pedagoga, em sala de aula e me apaixonei pela

profissão. E desde que voltei procurei me dedicar ao máximo a minha profissão de pedagoga.", "Sim. Sempre tive a certeza do que queria ser, porque é uma profissão dinâmica e muito gratificante trabalhar na construção e conhecimentos e na formação de pessoas.", "Sim. Porque acho essa profissão linda e a mais importante de todas, pois o professor forma cidadãos para a sociedade, através da educação temos a base para um mundo melhor.", "Não. A princípio desejava ingressar na área da enfermagem, porém fui para a pedagogia pela baixa concorrência, mas acabei me encontrando. Hoje posso dizer que estou realizada na minha profissão.", "Não, porque não considerava que tinha "vocação" para ser professora, além da desvalorização da profissão.", "Não, pretendia cursar Ciências Sociais, mas me encantei pelo curso de Pedagogia logo no 2º semestre do curso.", "Não. Porque tinha interesses em outras áreas. Ser professor não era uma opção até o ingresso na faculdade.", "Não. Na primeira vez que tentei vestibular fiz para nutrição, pois era um curso que me chamava a atenção, porém pedagogia era a minha segunda opção porque minha mãe é professora e isso influenciou a escolha da minha profissão.", "Sim. Pois sempre senti necessidade da educação por melhoras, mudanças.", "Não. Acho muito desgastante e pouco valorizada.", "Não. Devido a má remuneração." e "Sim, pois há algum tempo tive a oportunidade de ser voluntária do projeto Brasil Alfabetizado. Fiquei encantada com a docência."

Esses motivos, trazidos pelos sujeitos, mesmo que em uma pequena amostra, acabam por constatar o que é dito no senso comum: a maioria das pessoas que cursa graduação em Pedagogia não o faz por ser um desejo que sempre possuiu. Ao contrário, pensaram em outras opções, até tentaram, mas, por motivos que às vezes nem elas mesmas sabem, acabaram “parando na pedagogia”. Isso é bastante preocupante. Pode ser que dentre essas pessoas algumas “se encontrem” no curso, que após algumas experiências sintam-se realizadas. Também temos que contar, entretanto, com a possibilidade de formarmos pessoas que jamais se perceberam como pedagogos, tampouco educadores. E isso pode influenciar em muito na prática desses profissionais. Pois como pode vir a ser significativa para os alunos a prática desses professores que em nada se identificam com o que fazem? Que optaram por Pedagogia porque tinham a certeza que passariam pela baixa concorrência que este curso possuía para o ingresso na Universidade? Ficamos a nos perguntar o que eles podem ensinar sobre prazer e paixão, sobre encanto e perseverança.

Nos encaminhamos agora para as questões finais do questionário. As perguntas 5 e 5.1 são as mais abrangentes e que nos fornecem uma riqueza de dados enorme. Os sujeitos foram

perguntados sobre como a docência deve estabelecer-se para que seja reconhecida como uma profissão exemplar e de sucesso e sobre o que eles pensam ser o maior desafio da profissão docente e como costumam lidar com ele. Pelo fato de termos observado que as respostas são amplas e subjetivas, iremos expor uma parte delas, as que pensamos possuir destaque e validade para o alcance do nosso objetivo.

Ao responderem à questão 5, os sujeitos nos forneceram respostas como: “Acredito que deve haver uma mudança primeiramente no processo seletivo das universidades, pois a cada ano mais pessoas completamente despreparadas adentram nos cursos de pedagogia, tornando um curso de baixo nível. Os profissionais não devem parar na graduação, devem se especializar sempre mais.”, “Primeiro devemos nos valorizar e principalmente continuar lutando pelos nossos direitos e nunca parar de buscar o saber, pois assim conseguimos o sucesso desejado.”, “A meu ver, o próprio professor deve reconhecer-se como peça fundamental para o desenvolvimento humano.”, “Devemos conceber o ato de ensinar como um dom que nos foi dado por Deus, porém, para que a docência seja reconhecida como uma profissão exemplar, o profissional deve estabelecer em sua prática sempre a união entre teoria e prática, ou seja, a práxis educacional.”, “Deve estabelecer-se de uma maneira que o professor obtenha a formação teórica, metodológica e pessoal.”, “Primeiro, o principal fundamento que vejo é uma formação qualificada, com fundamento, articulada com a prática. Vejo que também, para essa valorização acontecer é necessário o incentivo de políticas públicas para a profissão docente, para então, a sociedade construir essa valorização.” e, não menos importante, esta resposta que nos diz o seguinte: “Em primeiro lugar, rever as diretrizes do curso, o currículo, a remuneração e principalmente as condições de trabalho que o professor precisa, visto que para que esse profissional tenha uma carreira de sucesso e contribua com a qualidade da educação, será preciso que os aspectos citados caminhem juntos.”

Decidimos, ainda, colocar em destaque uma resposta obtida com essa questão. Um dos sujeitos respondeu o seguinte: “Deve ter seu papel bem definido para a sociedade. Educar é para os pais. A função da docência é passar conhecimento.”. Essa resposta chamou a nossa atenção pelo fato de estabelecer relação direta com o que também acreditamos ser papel do professor/educador ao longo dos capítulos deste trabalho. Cunha (1989, p. 24), diz que “Uma visão simplista diria que a função do professor é ensinar e poderia reduzir este ato a uma perspectiva mecânica, descontextualizada.” Tal autora vai de encontro com o que acreditamos

fazer parte do papel do educador, mesmo que se apresente como elemento integrante do currículo oculto. Paulo Freire (1986) também traz significativas contribuições ao salientar que,

(...) reduzimos o ato de conhecer o crescimento existente a uma mera transferência deste conhecimento. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimento. Então, ele perde algumas das qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento, assim como no conhecer e conhecimento existente. Algumas destas qualidades são, por exemplo, a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza – todas estas virtudes indispensáveis ao sujeito cognoscente. (p. 18)

Ora, o professor não é apenas um alguém que entra em sala, repassa para os alunos o que sabe e encerra suas atividades ao listar os alunos que faltaram naquele devido dia. Ele é alguém que ensina sobre valores, sobre comportamentos, ensina sobre a vida. Mesmo que indiretamente, pode influenciar seus alunos em muitos aspectos. Nisso acreditamos, pois é isso que vivemos e experimentamos.

Em relação às outras respostas que aqui não citamos, os pontos que mais coincidiram nas respostas dos sujeitos foram: maior valorização salarial, formação continuada, valorização dos profissionais por parte das autoridades governamentais, políticas públicas voltadas para a educação, incentivo a criticidade, maior união da classe docente e formação qualificada. Outras, ainda, preferiram atribuir ao próprio docente a responsabilidade de reconhecimento da profissão docente como exemplar e de sucesso. Esses sujeitos disseram acreditar que para que isso aconteça, deve haver dedicação, empenho, compromisso e vocação da parte do professor. Por fim, algumas poucas respostas salientaram que a profissão docente deveria ser reconhecida e valorizada pelo fato de ser a profissão que pode mudar a sociedade. Apenas um sujeito não respondeu à esta pergunta. Esse, ainda cursando pedagogia no 8º semestre e, atualmente, atuando como professor na Educação Infantil em uma escola pertencente a rede particular de ensino.

Por fim, a questão 5.1 indagava sobre o que eles consideravam ser o maior desafio da profissão docente. Faremos, também, menção a algumas respostas obtidas e dos pontos mais citados. Entre as respostas obtidas, destacamos as que seguem: “Hoje se fala muito em dinheiro e como os professores são mal pagos, mas considero o mais importante as condições onde o profissional vai exercer sua profissão. Escolas com péssima infraestrutura, as excessivas horas de trabalho. E claro, os baixos salários. Eu lido com isso tentando melhorar o ambiente de trabalho e tento não pensar na remuneração, pois faço o que amo.”, “É levar uma

educação que seja igual para todos, porque assim o ensino levado para a escola pública e privada, tendo qualidade com profissionais habilitados e uma escola preparada para recebê-los, é melhor para os alunos. Sem educação de qualidade o país não cresce, não só a educação da escola, mas a de casa, tem que ter uma parceria escola-aluno-família.”, “Preconceito e desvalorização por parte das demais profissões.”, “Excesso de responsabilidade.”, “Ao meu ver é a indisciplina dos alunos em sala de aula.”, “A rotina e as condições de trabalho.”, “Cumprir com a missão de ensinar e educar em uma sociedade com valores morais desprezíveis. Exemplo: falta de respeito, desonestidade, violência, entre outros.”.

Outros pontos que também foram citados nas respostas relacionadas a essa questão, 5.1, são: conhecer os alunos e lidar com as diferenças, lidar com as famílias e saber que todos têm a sua história, entender o aluno na sua essência e saber que ele traz conhecimentos prévios, fazer-se respeitar diante dos alunos, falta de interesse dos alunos, conseguir a ajuda das famílias para a educação dos alunos, formar indivíduos críticos e autônomos, ser professor mediador, gestores que se preocupem com a qualidade do ensino, falta de recursos e estrutura precária, pouca relação entre teoria e prática e, mais uma vez, a pouca valorização financeira. Apenas um sujeito não respondeu à esta pergunta. Esse, sendo o mesmo que citamos como também não respondente a pergunta 5.

Ao fazê-los refletir sobre os maiores desafios da profissão docente, os sujeitos deixaram transparecer, mesmo que nas entrelinhas, que se sentem sobrecarregados com as responsabilidades que a eles são impostas. De fato, a responsabilidade de educar, por si só, já é imensa. Imagine só, aliar a ela, obrigações como: elaborar planos de aula, elaborar provas e atividades extras, aulas de campo e lançar notas no sistema da escola. Também devem participar de formações continuadas, de reuniões com os pais e gestores da escola. Como se não bastasse, ainda são conhecidos por serem os profissionais que mais levam trabalho para casa (as infundáveis correções são uma das atividades que mais ocupam o tempo “extraescola” dos professores). É realmente muita ocupação. Os professores, facilmente, ao concluírem as semanas de intenso trabalho, sentem-se sempre exaustos. Acreditamos não ser esse um sentimento apenas dos sujeitos que contribuíram com este trabalho ao responderem ao questionário já citado anteriormente. Percebemos participantes deste sentimento.

Como respostas relacionadas à pouca valorização financeira apareceram diversas vezes no decorrer da resolução dos questionários, queremos salientar que não defendemos a ideia de que o professor “trabalhe apenas por amor”. Buscamos acima de tudo o equilíbrio.

Somos cientes sim da pouca valorização financeira que recebemos, afinal fazemos parte desta classe. No entanto, também entendemos a necessidade de que haja amor no trabalho que nos propomos a desenvolver. Uma solução possível é a incessante luta por melhores salários. Lutarmos para que sejamos percebidos como profissionais que ainda continuam sendo desrespeitados na retribuição pelo que fazem. Pois somos profissionais que realizamos um trabalho que se perpetua, marca. Alcança corações e pode transformar ou impulsionar mudanças.

CONCLUSÕES

Diferentemente do que o título deste trabalho possa sugerir, não nos detemos em categorizar ou descrever o bom professor. Tampouco elaboramos receitas ou “rituais” que o façam surgir. Falamos do que o envolve ao discorrermos sobre Educação e Pedagogia. E, ao destinarmos um capítulo para falar desse professor, por muitos entendido como educador, nos detemos mais em sua forma de pensar do que em sua prática em si. Falamos do seu papel e de suas contribuições. Do que pode fazer e de como ensina com seu modo de viver. Pincelamos, entre um parágrafo e outro, algumas de suas características, mas não as determinamos como únicas e absolutas. Afinal, a concepção que temos do que possa ser o bom professor muito está relacionada com o período em que vivemos, com o que lemos e dizemos acreditar. Cunha (1989, p. 169) ilustra muito bem o que queremos explicitar acima ao dizer que: “Os nossos BONS PROFESSORES são os melhores dentro de uma concepção de educação, de ensino e de aprendizagem. Se essas concepções forem alteradas, o conceito de BOM PROFESSOR também o será.”

Foi então que, a partir dos capítulos escritos, buscamos levar o leitor a refletir e repensar sobre sua concepção do que pode e de como deve se apresentar essa figura que para muitos está em extinção. Ao falarmos sobre Educação, tratamos um pouco sobre sua história, seus “primeiros passos”. Falamos de como ela se configura e o que pensamos que ela deve ser. Por não acreditarmos apenas na educação formal como significativa e relevante, demos ênfase aos processos informais que a envolvem. Os nossos “holofotes” estiveram direcionados para a educação que forma integralmente o indivíduo, que o torna cidadão, que ensina valores e princípios.

Ao tratarmos sobre Pedagogia, apontamos definições possíveis através de vários olhares. Compreendemos que, deste os tempos mais remotos, ela está ligada à condução do saber, à instrução. Ao expormos pensadores que fizeram história no campo pedagógico, também nos demos conta de que ela esteve bastante marcada pelo cristianismo e pela espiritualidade. Os Jesuítas, por exemplo, são ótimas referências para entendermos o viés mais religioso dado a pedagogia. Depois de trilharmos os caminhos e descaminhos trilhados por ela, finalizamos nossa análise com os modelos e tendências pedagógicas definidas por Luckesi (1994), na tentativa de nos apropriarmos do que temos vivido com a pedagogia de nossos dias.

Chegamos então, ao nosso principal objeto de análise: a discussão do papel social do professor/educador. É bem certo que, os pedagogos, durante a sua formação acadêmica, procuram, por diversas vezes, receitas sobre como atuar em sala de aula. Afirmamos isto devido às inúmeras experiências vividas e experimentadas durante nossa estada na Universidade. Por diversas vezes, colegas indagavam aos professores de certas disciplinas sobre como fazer em sala de aula, como lidar com tal problema, como agir diante de certas situações entre outras coisas. Respostas não eram dadas. Os professores, mestres e doutores desconversavam. Não que não soubessem como poderíamos agir diante de alguns dilemas e conflitos. Eles sabem, afinal, muitos já passaram por estes mesmos caminhos que hoje trilhamos.

O que penso hoje, na reta final para a conclusão da graduação, é que eles preferiram manter silêncio em relação ao turbilhão de perguntas que surgia em sala, porque sabiam que não havia resposta certa para as perguntas feitas. Deveríamos imergir no universo da sala de aula para aprendermos como nos tornarmos professores. Bons. Educadores. Pois se uma coisa esse trabalho nos permite ter a certeza é de que os professores não saem prontos ao findarem a graduação. Não é o diploma que os torna bons professores.

Mesmo sem querermos criar um estereótipo ou uma caricatura para esses profissionais que ansiamos nos tornar e que admiramos aqui e acolá, precisamos falar o que pensamos sobre eles. O que observamos e o que a vida nos permitiu conhecer. Pois bem, acreditamos que o bom professor torna-se bom no dia a dia, ao ouvir e dar significado ao que pensam e dizem seus alunos. Ao dar validade aos conhecimentos que trazem de casa. Mostra-se bom quando, ao fazer seus planejamentos, não desconsidera o fato de que tudo que planejou pode ir por “água a baixo” ao sentir que a turma vive outro momento que não aquele por ele planejado. O bom professor configura-se quando está mais interessado no aprendizado e desenvolvimento de seus alunos do que quando dá atenção única para notas e exames. Se mostra também quando a relação com os alunos ultrapassa conversas sobre os conteúdos e passa, também, a dar voz e vez aos assuntos que circulam pela sala de aula. O bom professor, pensamos ser aquele ser possuidor da boa escuta. Para Paulo Freire (1996), a escuta é elemento importantíssimo para o bom educador. Tal autor informa-nos o seguinte: “(...) é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.” (Freire, 1996, p. 113)

Cunha (1989, p. 71), ao realizar uma pesquisa sobre como os alunos do ensino médio definiam ser os bons professores, obteve a seguinte constatação: “(...) os alunos não apontam como melhores professores os chamados “bonzinhos”. Ao contrário. O aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra participação e tarefas. Ele percebe que esta também é uma forma de interesse (...)”. Além disso, os alunos que participaram desta pesquisa também apontaram que o bom professor é aquele que mostra-se seguro em relação ao conteúdo de ensino e a metodologia utilizada para trabalhar os conteúdos. Isto porque, quando o aluno sente-se cobrado, quando percebe que o professor tem compromisso com o aprendizado e com o progresso da turma, sente-se, sobretudo, cuidado.

Para o professor pedagogo, o sentimento e os critérios de “avaliação” dos alunos em relação à sua prática é bem diferente, visto que o seu público é bem diverso do citado acima. As crianças são mágicas e nos fornecem informações em seus abraços, que podem ou não serem dados, em seus desenhos, cartinhas, nas confidências que fazem, entre outros momentos e situações que podem surgir em sala de aula. Assim, o professor, ao observar a dinâmica da sala de aula e como os alunos respondem ao que está sendo proposto, mas não uma observação com um olhar que o beneficie, ao contrário, lançando sobre os fatos um olhar crítico e aberto para mudanças, mesmo que elas lhes custem tempo e demandem mais esforço, pode dar novos rumos a sua prática e as suas concepções. E aí, poderá possibilitar a “instauração de novos mundos”.

Deste modo, chegamos até aqui, com estas constatações e algumas certezas, desejosos de que, pelo caminho que nos está reservado para trilhar, nos encantemos com bons professores, ou mestres, ou educadores. Que com eles, aprendamos sobre tantas outras lições não concebidas nos livros didáticos. Que eles instiguem em nós, bons desejos, bons sentimentos. Que se eternizem em nossas memórias e que, quando nos perguntarem se conhecemos um bom professor, falemos seus nomes com todo entusiasmo. Sinto que aproximamo-nos do fim, e ao falar da beleza desses doces encontros que almejamos ter, lembrei-me de um conto de Clarice Lispector que muito me encanta. Na verdade, seria suspeita se não o amasse, pois Clarice inspira.

Neste conto, Clarice conta-nos sobre uma menina, que sentia-se só no mundo pelo fato de ser ruiva. Mas a vida se encarregou de proporcionar um encontro que em muito transformaria os traços tristes do rosto da ruiva de Grajaú. “Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. Era um *basset* lindo e miserável, doce sob a

sua fatalidade. Era um *basset* ruivo.”. A comunicação entre eles foi rápida e silenciosa. Olhavam-se e pediam-se. Como o cachorro estava em um de seus passeios com sua dona, o encontro entre ele e a menina pouco demorou, mas foi o suficiente para que a menina não mais se sentisse só no mundo. Naquele dia soube que havia uma outra metade sua no mundo.

É assim, pois, que desejo que sejam os nossos encontros com os bons e doces professores que a vida nos permitirá conhecer. Que nossos corações saibam aproveitar esses belos encontros. Que nossas mentes os perpetuem. Mais que isso, que sejamos agentes proporcionadores desses encontros. E, parafraseando um texto bíblico, se é que assim o posso fazer, que mais do que professores, possamos chamá-los de amigos. Que sejamos chamados de amigos.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- ALVES, Rubem. A complicada arte de ver. *Sinapse On-Line*, out. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 18 out. 2014.
- _____. O preparo do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador: vida e morte**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 15-28.
- AURÉLIO. Dicionário básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador: Vida e Morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- _____. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CANÁRIO, Rui. A escola tem futuro? Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- FERNANDES, Maria Estrêla Araujo. **O curso de pedagogia da UFC: uma resenha histórica (1963-1990)**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.
- FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____. Educação. O sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador: vida e morte**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 91-101.
- GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada**. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

- GIMENO SACRISTÁN, José; GOMES, A. I. Perez. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que e pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUSDORF, Georges. **Professores para quê?: para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Liv. Martins Fontes, 1987.
- LIBANEO, Jose Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.
- PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed., Addison Wesley. Publishing Company, p. 21-60, 1991.
- PIMENTA, S. G.. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2008. P. 15-32.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação: curvatura da vara: onze teses sobre educação e política**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. 4 ed. Portugal: Biblioteca do Educador, 1992.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Este questionário visa realizar um levantamento de dados acerca da profissão docente e seus desafios.

É parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Talita Almeida Rodrigues, do curso de Pedagogia da UFC.

1. Qual sua área de formação?

() Cursando – Período: _____

() Concluído – Ano de Conclusão: _____

2. Possui especialização ou pós-graduação? Se a resposta for positiva, em que área?

2.1 Se ainda está cursando a graduação, responda: pensa em dar continuidade aos estudos em sua área de formação? Por quê?

3. Atualmente está trabalhando em sala de aula?

() Sim () Não

3.1 Se está, o que leciona? Para qual público? Na rede particular ou pública?

3.2 Se não está mais, mas já esteve, o que lecionava? Para qual público? Na rede particular ou pública? Por quanto tempo lecionou? Por que saiu da sala de aula?

4. Sempre almejou ingressar na profissão docente? Por quê?

5. Para você, como a docência deve estabelecer-se para que seja reconhecida como uma profissão exemplar e de sucesso?

5.1 Qual é o maior desafio da profissão docente? Como você costuma lidar com ele?

Agradeço sua colaboração.